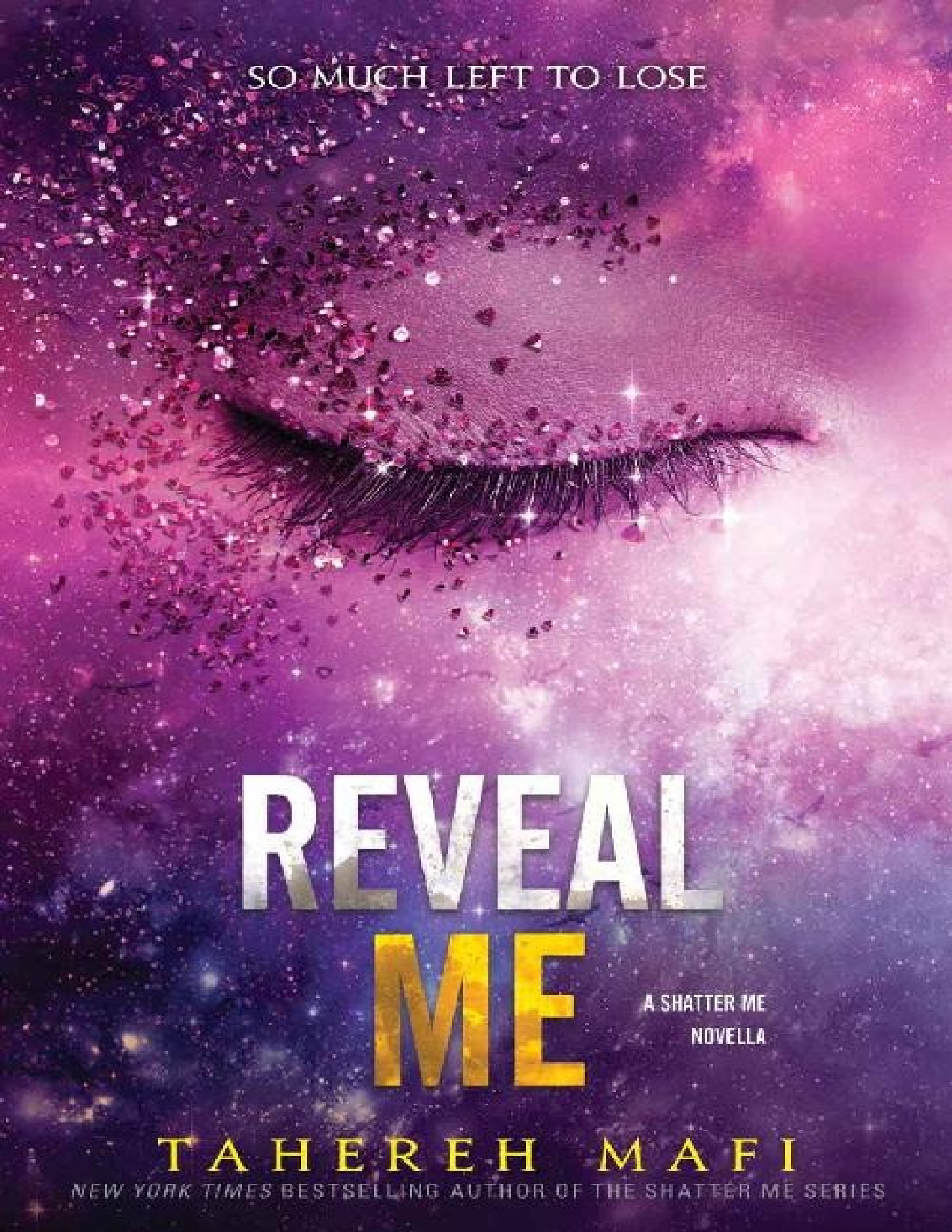

SO MUCH LEFT TO LOSE
REVEAL ME
A SHATTER ME NOVELLA
TAHEREH MAFI
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF THE SHATTER ME SERIES

# REVEAL ME

TAHEREH MAFI

HARPER
An Imprint of HarperCollinsPublishers

# Conteúdo

*Capa*
*Título*

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze

*Sobre a Autora*
*Livros por Tahereh Mafi*
*Publicidade*
*Copyright*
*Sobre a Editora*

# Um

Eu perdi meu apetite.

Acho que nunca perdi o apetite.

Mas agora estou olhando um pedaço de bolo perfeitamente bom e, por algum motivo, não posso comer. Eu me sinto enjoado.

Eu continuo batendo no bolo com os dentes do meu garfo, cada vez mais forte, e agora está meio colapsado e a cobertura está cheia de cicatrizes. Mutilado. Nunca pretendi desfigurar um pedaço de bolo inocente – é absolutamente criminoso desperdiçar comida, principalmente bolo – mas há algo reconfortante no movimento repetitivo e na resistência suave e delicada da esponja de baunilha.

Lentamente, arrasto minha mão livre pelo meu rosto.

Eu tive dias piores. Maiores perdas. Noites mais cagadas. Mas de alguma forma isso parece um novo tipo de inferno.

A tensão se acumula nos meus ombros, se unindo para gerar uma dor opaca e pulsante que se ramifica nas minhas costas. Eu tento expirar, tento esticar o estresse dos meus músculos, mas nada ajuda. Não sei há quanto tempo estou sentado aqui, curvado sobre uma fatia de bolo inacabada. Horas, talvez.

Dou uma olhada ao redor da sala de jantar meio vazia. Sala? Barraca?

Definitivamente uma tenda.

Eu olho para as longas vigas de madeira caiadas de branco que sustentam o teto. Talvez na barraca adjacente. Há uma tela de cor creme envolvendo tudo do lado de fora, mas é óbvio do interior que este é um edifício sólido e independente. Não sei por que eles se preocupam com as tendas. Espero que elas sirvam para algum tipo de propósito prático, porque, de outra forma, isso parece idiota. Tudo o resto é bastante sobressalente. As mesas são montadas com pedaços de madeira inacabados, lisos pelo tempo. As cadeiras são simples. Mais madeira. Muito básico. Bom, no entanto; tudo é legal. Este lugar parece mais novo, mais limpo e mais brilhante do que qualquer coisa que tivemos no Ponto Ômega. É

como um acampamento chique.

*O Santuário.*

Eu apunhalo o bolo novamente. É tarde – muito depois da meia-noite – e minhas razões para estar aqui estão ficando mais tênues a cada minuto. Quase todo mundo está fugindo, cadeiras raspando, pés arrastando, portas abrindo e fechando. Warner e Juliette (Ella? Ainda parece estranho) estão aqui em algum lugar, mas isso é provavelmente porque ela está tentando forçá-lo a comer seu próprio bolo de aniversário. Ou talvez ele esteja comendo voluntariamente. Tanto faz. Quando sinto pena de mim mesmo, odeio-o mais do que o habitual.

Eu fecho meus olhos com força. Estou tão cansado.

Eu sei que devo sair, dormir um pouco, mas não consigo me obrigar a abandonar o brilho quente desta sala pela fria solidão da minha barraca. É tão brilhante aqui. É óbvio que Nouria – a filha de Castle e a cabeça dessa resistência – está realmente na luz. É a especialidade dela. A superpotência dela. Mas também está em toda parte. Luzes de corda penduradas no teto. Lanternas que revestem as paredes e portas. Há uma enorme lareira de pedra contra uma parede, mas está cheia de luz quente, não de fogo. Parece aconchegante.

Além disso, cheira a bolo aqui.

Durante anos, tudo o que fiz foi reclamar de ter que compartilhar minha privacidade com as pessoas, mas agora que tenho meu próprio lugar – uma pequena casa independente para mim – não quero. Sinto falta das áreas comuns do Ponto Ômega e do Setor 45. Gostava de ver amigos quando abria a porta. Eu gostava de ouvir suas vozes estúpidas e imprudentes quando estava tentando adormecer.

Então.

Ainda estou aqui.

Ainda não está pronto para ficar sozinho.

Em vez disso, fiquei sentado aqui a noite toda, vendo as pessoas pararem e desaparecerem. Lily e Ian. Brendan e Winston. Sonya e Sara. Nouria e sua esposa, Sam.

Castle atrás.

Todo mundo sorrindo.

Eles parecem esperançosos. Aliviados. Comemorando a sobrevivência e os raros momentos de beleza no derramamento de sangue. Eu, por outro lado, quero gritar.

Largo o garfo, enfiando as palmas das mãos nos olhos. Minha frustração está se acumulando há horas e finalmente está começando a atingir o pico. Eu sinto isso, sinto isso fechando as mãos em volta do meu pescoço.

*Raiva.*

Por que eu sou o único que está assustado agora? Por que sou o único com esse nervosismo no estômago? Por que eu sou o único a fazer a mesma pergunta repetidamente: *Onde diabos estão Adam e James?*

Quando finalmente chegamos ao Santuário, fomos recebidos por fanfarra, alegria e entusiasmo. Todo mundo estava agindo como se fosse uma grande reunião de família, como se houvesse esperança para o futuro, como se estivéssemos bem.

Ninguém parecia se importar com a falta de Adam e James.

Eu era o único que contava. Eu era o único olhando ao redor da sala, procurando os olhos de rostos desconhecidos, espiando pelos cantos e fazendo perguntas. Eu era o único, aparentemente, que não achava que estava tudo bem estar faltando dois dos meus companheiros de equipe.

— Ele não queria vir, cara. Você já sabe disso.

Essa.

Essa foi a explicação idiota que Ian tentou me alimentar mais cedo.

— Kent disse que não estava mais saindo, — disse Ian. — Ele literalmente nos disse para fazer nossos planos sem ele, e você estava sentado ali quando ele disse isso. — Ian estreitou os olhos para mim. — Não minta para si mesmo sobre isso. Adam queria ficar para trás com James e tentar imunidade. Você o ouviu. Deixe isso em paz.

Mas não pude.

Fiquei insistindo que a situação parecia errada. A maneira como tudo aconteceu – parecia errado. *Algo não está certo* , eu continuava dizendo, e Castle continuava me dizendo, gentilmente – como se estivesse conversando com uma pessoa louca – que Adam é o guardião de James, que não é da minha conta, que não importa o quanto eu ame James, eu não escolho o que acontece com ele.

O que ninguém parece se lembrar é que Adam lançou a idéia idiota de ficar para trás e pedir imunidade *antes* que soubéssemos que Anderson ainda estava vivo. *Antes* de ouvirmos Delalieu dizer que Anderson havia feito planos secretos para Adam e James. Isso foi *antes* de Anderson aparecer e assassinar Delalieu e todos nós fomos jogados em um asilo.

Algo está errado.

Não acredito por um segundo que Adam gostaria de ficar no setor 45 – e arriscar a vida de James – se soubesse que Anderson estaria lá. Às vezes, Adam pode ser um idiota, mas passou a vida inteira tentando proteger aquela criança de dez anos do pai. Ele morreria mais cedo do que colocar James bem perto de Anderson – especialmente depois de ouvir sobre os planos nebulosos de Anderson para eles. Adam não faria isso; ele não arriscaria. Eu sei isso. Eu sei disso na minha *alma*.

Mas ninguém queria ouvir.

— Vamos, cara, — disse Winston suavemente. — James não é de sua responsabilidade.

O que quer que aconteça com ele, isso não é culpa sua. Nós temos que seguir em frente.

Era como se eu estivesse falando uma língua estrangeira. Gritando com uma parede.

Todo mundo pensou que eu estava exagerando. Sendo muito emocional. Ninguém queria ouvir meus medos.

Eventualmente, Castle parou de responder às minhas perguntas. Em vez disso, ele começou a suspirar muito, como quando eu tinha doze anos e me pegou tentando esconder cães vadios no meu quarto. Ele me lançou um olhar antes de sair hoje à noite – um olhar que claramente dizia que sentia pena de mim – e eu não sei o que diabos devo fazer com isso.

Até Brendan, gentil e compassivo Brendan, sacudiu a cabeça e disse: — Adam tomou sua decisão. Tem sido difícil para todos nós perdê-los, Kenji, mas você tem que deixar passar.

Foda-se isso.

Eu não deixei passar.

Eu não vou deixar passar.

Olho para cima, olhando os restos do enorme bolo de aniversário de Warner. Está desprotegido, sentado em uma mesa no centro da sala, e sou atingido por uma súbita vontade de colocar meu punho nele. Meus dedos flexionam o garfo novamente, um impulso inconsciente que não me importo em examinar.

Não estou bravo por estarmos comemorando o aniversário de Warner. Honestamente, eu não estou. É bom, eu entendi, p cara nunca teve um aniversário antes. Mas agora não estou com vontade de comemorar. Agora eu gostaria de dar um soco naquele pedaço de merda e jogá-lo na parede. Eu gostaria de pegá-lo e jogá-lo na parede e então eu...

O calor elétrico sobe pela minha espinha e eu enrijeço, enquanto assisto, como se estivesse a quilômetros de distância, enquanto uma mão se enrola no meu punho. Eu a sinto puxando, tentando arrancar o garfo da minha mão. E então eu a ouço rir.

De repente me sinto mais enjoado.

— Você está bem? — Ela diz. — Você estava segurando essa coisa como uma arma. — Ela parece estar sorrindo, mas eu não saberia. Ainda estou olhando para o espaço, minha visão se estreitando no nada. Nazeera conseguiu tirar o garfo da minha mão e agora estou sentado aqui, meus dedos congelados, ainda procurando algo.

Eu a sinto sentar ao meu lado.

Mesmo daqui, eu posso sentir seu calor, sua presença. Eu fecho meus olhos. Nós realmente não conversamos, ela e eu. Não sobre nós, de qualquer maneira. Não sobre o quão forte meu coração bate quando ela está por perto, e definitivamente não sobre como ela inspirou todos os devaneios inapropriados que infestam minha mente. De fato, desde aquela breve cena no meu quarto, não discutimos nada que não fosse estritamente profissional e não sei por que discutiríamos. Não há sentido.

Beijá-la foi estúpido.

Eu sou um idiota, Nazeera provavelmente é louca, e o que aconteceu entre nós foi um grande erro. Ela fica mexendo com a minha cabeça, confundindo minhas emoções, e eu continuo tentando me lembrar, continuo tentando me convencer a entender a lógica – mas, por alguma razão, meu corpo não entende. Do jeito que minha biologia reage à sua mera presença, você pensaria que eu estava tendo um derrame.

Ou um aneurisma.

— Hey. — Sua voz está séria agora, o sorriso se foi. — O que há de errado?

Balanço a cabeça.

— Não balance a cabeça para mim. — Ela ri. — Você matou seu bolo, Kenji. Algo está obviamente errado.

Com isso, eu viro uma polegada. Olho para ela pelo canto do meu olho.

Em resposta, ela revira os próprios olhos. — Oh, por favor, — diz ela, esfaqueando meu garfo – *meu garfo* – no bolo desmoronado. — Todo mundo sabe que você gosta de comida.

Você está sempre comendo. Você raramente para de comer o tempo suficiente para falar.

Eu pisco para ela.

Ela raspa um pouco do glacê do prato e segura o garfo, como um pirulito, antes de colocá-lo na boca. E só depois que ela lambeu a coisa até ficar limpo que eu digo: — Esse garfo estava na minha boca.

Ela hesita. Encara o bolo. — Eu pensei que você não estivesse comendo isso.

— Eu não estou comendo *mais*, — eu digo. — Mas eu dei algumas mordidas.

E há algo sobre a maneira como ela se endireita – algo sobre a maneira mortificada que ela diz: — É claro que você fez, — enquanto ela abaixa o garfo – que abre o punho em volta da minha espinha. Sua reação é tão juvenil - como se ainda não tivéssemos nos beijado, como se ainda não soubéssemos como é provar as mesmas coisas ao mesmo tempo – que não posso evitar. Eu começo a rir.

Um momento depois, ela também está rindo.

E de repente me sinto quase humano novamente.

Suspiro, perdendo um pouco da tensão em meus ombros. Descanso os cotovelos na mesa de madeira e jogo a cabeça nas mãos.

— Ei, — ela diz calmamente. — Você pode me dizer, você sabe.

A voz dela está perto. Calorosa. Eu respiro fundo. — Dizer o que?

— Me diga o que está errado.

Eu ri de novo, mas desta vez o som é amargo. Nazeera é a última pessoa com quem quero falar. Deve ser algum tipo de piada cruel que, de todas as pessoas que conheço, é ela que finge se importar.

Suspiro enquanto me sento, franzindo a testa ao longe.

Encontro Juliette do outro lado da sala – longos cabelos castanhos e sorriso elétrico – em menos de um segundo. No momento, minha melhor amiga só tem olhos para o namorado, e eu estou irritado e resignado ao fato. Não posso culpá-la por reivindicar um pouco de alegria esta noite; Eu sei que ela passou pelo inferno.

Mas agora eu também preciso dela.

Foi uma noite difícil, e eu queria falar com ela mais cedo, perguntar o que ela pensa sobre a situação com Adam e James, mas eu só tinha conseguido atravessar a sala quando Castle me puxou de volta. Ele me fez prometer deixá-la sozinha esta noite. Ele disse que era importante que J tivesse um tempo sozinha com Warner. Ele queria que eles tivessem alguns momentos de paz – uma noite ininterrupta para se recuperar de tudo o que passaram. Revirei os olhos com tanta força que quase caíram da minha cabeça.

Ninguém nunca me dá uma noite ininterrupta para me recuperar de toda a merda que passei. Ninguém realmente se importa com o meu estado emocional; ninguém além de J, se estou sendo honesto.

Eu fico olhando para ela, meus olhos queimando buracos nas costas dela. Eu quero que ela olhe para mim. Eu sei que se ela pudesse me ver, ela saberia que algo estava errado e ela viria aqui. Eu sei que ela faria. Mas a verdade é que não é apenas Castle me impedindo de arruinar a noite dela; depois de tudo o que passaram, ela e Warner realmente merecem uma reunião adequada. Eu também acho que se eu tentasse afastá-la de Warner agora, ele tentaria me matar de verdade.

Mas às vezes eu me pergunto...

*E quanto a mim?*

Por que meus sentimentos não importam? Outras pessoas experimentam uma gama completa de emoções sem julgamento, mas não posso ser nada além de feliz sem deixar a maioria das pessoas desconfortável. Todo mundo está

acostumado a me ver sorrindo, sendo pateta. Eu sou o cara divertido, o cara descontraído. Sou eu quem todos podem contar para dar uma boa risada. Quando estou triste ou chateado, ninguém sabe o que fazer comigo. Eu tentei conversar com Castle ou Winston – até Ian – mas ninguém nunca me entende do jeito que J faz. Castle sempre tenta o seu melhor, mas ele não aprova o chafurdar. Ele me dá trinta segundos para reclamar antes de me oferecer um discurso motivacional, me dizendo para ser forte. Ian, por outro lado, fica com coceira quando digo muito a ele. Ele tenta ser compreensivo, mas depois foge da primeira chance que tem. Winston escuta. Ele é um bom ouvinte, pelo menos. Mas então, em vez de responder ao que acabei de dizer, ele fala sobre todas as coisas com as quais está lidando, e mesmo sabendo que ele também precisa desabafar, no final, me sinto dez vezes pior.

Mas com Juliette...

*Ella?*

Com ela, é diferente. Eu nem percebi o quanto estava perdendo até que realmente nos conhecemos. Ela me deixa falar. Ela não me apressa. Ela não me diz para me acalmar ou me alimentar de merdas ou me diz que tudo ficará bem. Quando estou tentando tirar as coisas do meu peito, ela não conversa sobre seus próprios problemas. Ela entende. Eu posso dizer. Ela não precisa dizer uma palavra. Eu posso olhar nos olhos dela e sei que ela entende. Ela se importa comigo de uma maneira que ninguém mais fez. É a mesma coisa que faz dela uma grande líder: ela realmente se importa com as pessoas. Ela se importa com a vida deles.

— Kenji?

Nazeera está tocando minha mão novamente, mas desta vez eu me afasto, empurrando desajeitadamente no meu assento. E quando finalmente olho para os olhos dela, fico surpreso.

Ela parece genuinamente preocupada.

— Kenji, — ela diz novamente. — Você está me assustando.

# Dois

Balanço a cabeça enquanto me levanto, tentando o meu melhor para parecer despreocupado.

— Não é nada — eu digo, mas ainda estou olhando do outro lado da sala quando digo.

J está rindo de algo que aquele garoto bonito acabou de lhe dizer, e então ele sorri, e ela sorri de volta, e ela ainda está sorrindo quando ele se inclina e sussurra algo em seu ouvido e eu assisto, em tempo real, todo o seu rosto se virar vermelho. E então ele a está tocando, beijando-a aqui, bem na frente de todos e...

Eu me afasto bruscamente.

Eu definitivamente não deveria ver isso.

Tecnicamente, *eles não estão bem na frente de todos*. Não há todo mundo. Existem cinco pessoas nesta sala. E J e Warner estão na verdade o mais longe possível de todos, escondidos em um canto da sala. Tenho certeza que acabei de violar a privacidade deles.

Sim, eu definitivamente deveria ir para a cama.

— Você está apaixonado por ela, não está?

*Isso* me acorda.

Eu giro. Nazeera está olhando para mim como se ela fosse algum tipo de gênio, como se finalmente descobrisse os Mistérios Secretos de Kenji.

Como se eu fosse tão fácil de entender.

— Eu não sei por que eu não vi isso antes, — ela está dizendo. — Vocês têm um relacionamento tão estranho e intenso. — Ela balança a cabeça. — Claro que você está apaixonado por ela.

Jesus. Estou cansado demais para isso.

Passo por Nazeera, revirando os olhos enquanto vou. — Eu não estou apaixonado por ela.

— Tenho certeza de que sei o que...

— Você não sabe de nada, ok? — Eu paro. Viro para encará-la. — Você não sabe nada sobre mim. Assim como eu não sei nada sobre você.

As sobrancelhas dela voam pela testa. — O que *isso* quer dizer?

— Não faça isso, — eu digo, apontando para ela. — Não finja ser burra.

E estou do lado de fora da porta, no meio do caminho pouco iluminado que leva à minha tenda, quando ouço sua voz novamente.

— Você ainda está bravo comigo? — Diz ela. — Sobre a coisa com Anderson?

Paro tão de repente que quase tropeço. Eu me viro, e agora estou olhando para ela, e não posso evitar: eu rio alto, e isso parece loucura. — A *coisa* com Anderson? Você está falando sério? Você quer dizer a *coisa* em que ele apareceu, de volta dos mortos e pronto para matar todos nós porque você lhe disse onde estávamos? Ou você quer dizer a coisa em que ele matou Delalieu? Ou espere, talvez você queira dizer a coisa em que ele colocou todos nós em um hospício para apodrecer até a morte – ou talvez seja a coisa em que você amarrou, amordaçou, drogou e me arrastou para um avião com ele até o outro lado do maldito mundo?

Ela se move rapidamente, ficando na minha frente em segundos. E então, a fúria fazendo sua voz tremer: — Fiz o que fiz para salvar sua vida. Eu estava salvando todas as suas vidas. Você deveria estar me *agradecendo* – e, em vez disso, você está aqui gritando comigo como uma criança, quando eu, sozinha, salvei toda a sua equipe da morte certa. — Ela balança a cabeça. — Você é inacreditável. Você não tem idéia do que eu arrisquei para fazer isso acontecer, e não é minha culpa se você não consegue entender.

O silêncio se põe entre nós, nos afasta.

— Você sabe o que é hilário? — Eu balanço minha cabeça, olho para o céu noturno. — *Isso*, — eu digo. — Essa conversa é hilária.

— Você está bêbado?

— Pare. — Eu volto, nivelo-a com um olhar sombrio. — Pare de subestimar minha mente.

Você acha que eu sou burro demais para entender as coisas mais básicas sobre uma missão de resgate? É claro que eu entendo. — digo com raiva. — Entendo que você teve que fazer algumas coisas obscuras para fazer nossa fuga acontecer. Eu não estou bravo com isso.

Estou com raiva agora porque você não sabe se *comunicar*.

Eu vejo quando o rosto dela muda. O fogo sai dos olhos dela; a tensão deixa seus ombros. E então ela pisca para mim.

Confusa.

— Eu não entendo, — diz Nazeera em voz baixa.

O sol já está morto há horas e o caminho sinuoso e escuro é iluminado apenas por lanternas baixas e a luz difusa de tendas próximas. Ela está banhada

nela. Brilhando. Mais bonita do que nunca, o que é nada menos que aterrorizante, para ser honesto. Seus olhos são grandes e brilhantes e ela está me encarando como se ela fosse apenas uma garota e eu sou apenas um cara, e nós dois não somos apenas um par de idiotas indo diretamente para o sol. Como se não fossemos ambos assassinos, mais ou menos.

Eu suspiro. Enfio uma mão no meu cabelo. A briga deixou meu corpo e de repente estou tão exausto que não tenho certeza se consigo ficar de pé.

— Eu preciso ir para a cama, — eu digo, e tento passar por ela.

— Espere...

Ela agarra meu braço e eu quase pulo da minha pele com a sensação. Eu me afasto, nervoso, mas ela dá um passo à frente e de repente estamos tão próximos que eu praticamente posso sentir sua respiração. A noite está quieta e fresca e ela é tudo o que posso ver nessa escuridão tremeluzente. Eu respiro, inspirando-a – algo sutil, algo doce – e a memória me atinge com tanta força que tira o ar dos meus pulmões.

Os braços dela em volta do meu pescoço.

As mãos dela no meu cabelo.

A maneira como ela me prendeu na parede, a maneira como nossos corpos se derreteram, a maneira como ela passou as mãos pelo meu peito e me disse que eu era lindo.

Os sons suaves e desesperados que ela fez quando eu a beijei.

Agora sei como é tê-la em meus braços. Eu sei como é beijá-la, lamber a curva de seus lábios, senti-la ofegar contra o meu pescoço. Eu ainda posso prová-la, sentir sua forma, força e suavidade, debaixo das minhas mãos. Eu nem estou tocando nela e é como se estivesse acontecendo novamente, quadro a quadro, e não consigo parar de encarar sua boca porque aquele maldito piercing de diamante continua captando a luz e, por um momento – por apenas um momento – eu quase perco a cabeça e beijo-a novamente.

Minha cabeça está cheia de barulho, sangue correndo pelos meus ouvidos.

Ela me deixa louco. Nem sei por que gosto tanto dela. Mas não tenho controle sobre como meu corpo reage quando ela está por perto. É selvagem e ilógico e eu amo isso. Eu odeio isso.

Algumas noites adormeço rebobinando as fitas – seus olhos, mãos, boca...

Mas as fitas sempre terminam no mesmo local.

*— Isso nunca funcionaria, sabia? Nós não somos... — Ela faz um movimento entre nossos corpos. — Nós somos tão diferentes, certo?*

— Kenji?

Certo. Sim. Merda, estou cansado.

Dou um passo para trás. O ar frio da noite é forte e revigorante, e quando finalmente encontro seus olhos novamente, minha cabeça está limpa.

Mas minha voz soa estranha quando digo: — Eu devo ir.

— Espere, — diz Nazeera novamente, e coloca a mão no meu peito.

*Coloca a mão no meu peito.*

Ela colocou a mão em mim como se eu a pertencesse, como se eu fosse tão facilmente parado e conquistado. Uma chama de indignação acende a vida dentro de mim. É óbvio que ela está acostumada a conseguir o que quer. Ou isso, ou ela pega pela força.

Eu tiro a mão dela do meu peito. Ela não parece perceber.

— Eu não entendo, — diz ela. — Como assim, eu não sei como me comunicar? Se eu não contei nada sobre a missão, foi porque você não precisava saber.

Eu reviro meus olhos.

— Você acha que eu não precisava saber que você tinha alertado Anderson? Você acha que todos nós não precisávamos saber que ele estava (a) vivo e (b) a caminho de nos matar? Você não pensou em dar a Delalieu um aviso para calar a boca apenas o tempo suficiente para não ser assassinado? — Minha frustração é bola de neve. — Você poderia ter me dito que iria nos jogar *temporariamente* no hospício. Você poderia ter me dito que ia me drogar – não precisava me nocautear, me sequestrar e me deixar pensar que estava prestes a ser executado. Eu teria vindo voluntariamente. — digo, minha voz ficando mais alta. — Eu teria *ajudado* você, caramba.

Mas Nazeera não se mexe. Seus olhos ficam frios. — Você claramente não tem ideia do que estou lidando, — ela diz baixinho, — se você realmente acha que foi assim tão simples.

Eu não podia arriscar...

— E você claramente não tem idéia de como trabalhar em grupo, — digo, interrompendo-a. — O que faz de você nada mais que uma passiva.

Os olhos dela se arregalam de raiva.

— Você voa sozinha, Nazeera. Você vive de acordo com um código moral que eu não entendo, o que basicamente significa que você faz o que quer e muda de lealdade sempre que parecer certo ou conveniente. Às vezes você cobre o cabelo – e somente quando acha que é seguro – porque é rebelde, mas não há um compromisso real. Na verdade, você não se alinha a nenhum grupo e continua

fazendo o que seu pai pede até que decida, por um tempo, que não quer ouvir O Restabelecimento.

— Você é imprevisível, — eu digo a ela. — Por todo o lugar. Hoje você está do nosso lado, mas e amanhã? — Balanço a cabeça. — Eu não tenho ideia de quais são suas reais motivações. Eu nunca sei o que você realmente está pensando. E nunca consigo baixar minha guarda em torno de você – porque não tenho como saber se você está me usando.

Não posso confiar em você.

Ela olha para mim, imóvel como pedra, e não diz nada pelo que parece um século.

Finalmente, ela dá um passo para trás. Os olhos dela são inescrutáveis.

— Você deve ter cuidado, — diz ela. — É um discurso perigoso para alguém que você não pode confiar.

Mas não estou comprando. Não dessa vez.

— Besteira, — eu digo. — Se você fosse me matar, teria feito isso há muito tempo.

— Eu posso mudar de idéia. Aparentemente, sou imprevisível. Por todo o lugar.

— Tanto faz, — eu murmuro. — Eu acabei por aqui.

Balanço a cabeça e saio, já me afastando, cinco passos mais perto do sono e do silêncio, quando ela grita com raiva: — Eu me abri para você! Abaixei a guarda ao *seu* redor, mesmo que você não possa fazer isso por mim.

Isso me interrompe.

Eu giro. — Quando? — Eu grito de volta, levantando minhas mãos em frustração. — Quando você já confiou em mim? Quando você já se abriu para mim? Nunca. Não – você apenas faz suas próprias coisas, o que quer e como quiser, para o inferno com as consequências e espera que todos sejam legais com isso. Bem, eu digo que é besteira, ok?

Eu não gosto disso.

— Eu te contei sobre meus poderes! — Ela chora, as mãos nos punhos ao lado do corpo.

— Eu contei a vocês tudo o que eu sabia sobre Ella e Emmaline!

Soltei um suspiro longo e exausto. Dou alguns passos em sua direção, mas apenas porque não quero mais gritar.

— Eu não sei como explicar isso, — eu digo, firmando minha voz. — Quero dizer, estou tentando. Eu realmente estou. Mas eu não sei como... Tipo, ouça, eu entendo que você me dizendo que pode ser invisível foi um grande negócio. Entendi. Mas há uma enorme diferença entre você compartilhar um monte de informações classificadas com um grande grupo de pessoas e se *abrir* para mim.

Eu não... eu não quero... — Eu me interrompo, cerrando os dentes com muita força. — Você sabe o que? Deixa pra lá.

— Não, vá em frente, — diz ela, sua raiva mal contida. — Diz. O que você *não* quer?

Finalmente, encontro os olhos dela. Eles são brilhantes. Bravos. E eu não sei exatamente o que acontece, mas encará-la corta algo solto no meu cérebro. Algo cruel. Não filtrado.

— Eu não quero esta versão esterilizada de você, — eu digo. — Eu não quero a pessoa fria e calculista que você tem que ser para todo mundo. Esta sua versão é cruel, insensível e leal a ninguém. Você não é uma pessoa legal, Nazeera. Você é má, condescendente e arrogante. Mas tudo isso seria tolerável, eu juro, se eu sentisse que você tinha um coração lá em algum lugar. Porque se vamos ser amigos, se vamos ser *alguma coisa*, preciso poder confiar em você. E não confio em amizades de conveniência. Não confio em máquinas.

Tarde demais, percebo meu erro.

Nazeera parece atordoada.

Ela pisca e pisca, e por um longo e torturante segundo seu exterior pedregoso dá lugar a uma emoção crua e trêmula que a faz parecer uma criança. Ela olha para mim e de repente ela parece pequena – jovem e assustada e pequena. Seus olhos brilham, molhados de sensação, e a imagem toda é tão comovente que me bate com força, como um soco no estômago.

Um momento depois, se foi.

Ela se afasta, esconde os sentimentos, coloca a máscara de volta.

Eu me sinto congelado.

Eu apenas errei em alguma escala cósmica e não sei como consertar isso. Não sei qual protocolo seguir. Também não sei como ou quando, exatamente, me transformei em um idiota da classe A, mas acho que sair com Warner o tempo todo não me favoreceu.

Eu não sou esse cara. Eu não faço garotas chorarem.

Mas também não sei como desfazer isso. Talvez se eu não disser nada. Talvez se eu apenas ficar aqui, piscando no espaço sideral, eu posso voltar o relógio. Eu não sei. Não sei o que vai acontecer. Só sei que devo ser um merda, porque qualquer um que possa fazer Nazeera Ibrahim chorar é provavelmente algum tipo de monstro. Eu nem pensei que Nazeera *podia* chorar. Eu não sabia que ela ainda fazia isso.

É assim que sou burro.

Acabei de fazer a filha do supremo comandante da Ásia *chorar.*

Quando ela finalmente me encara, as lágrimas se foram, mas sua voz é fria. Oca. E é quase como se ela não pudesse acreditar que estava dizendo as palavras

quando disse: — Eu te beijei. Você também achava que eu era uma máquina?

Minha mente fica subitamente vazia. — Talvez?

Eu a ouço sua respiração afiada. Dor brilha em seu rosto.

Oh meu Deus, eu sou pior que idiota.

Eu sou um ser humano ruim.

Não tenho ideia do que há de errado comigo. Eu preciso parar de falar. Eu quero não estar fazendo isso. Não estar aqui. Eu quero voltar para o meu quarto e dormir e não estar aqui. Mas algo está quebrado – meu cérebro, minha boca, meu controle geral do motor.

Pior: não sei como sair daqui. Onde está o botão de ejeção para escapar de conversas com mulheres aterrorizantes e bonitas?

Ela diz: — Você honestamente acha que eu faria algo assim – você acha que eu te beijaria assim – apenas para manipular você?

Eu pisco para ela.

Sinto como se estivesse preso em um pesadelo. Culpa, confusão, exaustão e raiva se fundem, escalando o caos no meu cérebro a ponto de dor e de repente, incompreensivelmente, minha cabeça sai.

Desesperado, estúpido...

Não consigo parar de gritar.

— Como eu deveria saber o que você faria ou não para manipular alguém? — Eu grito. — Como eu devo saber alguma coisa sobre você? Como chego a estar na mesma sala que alguém como você? Toda essa situação é *bananas*. — Ainda estou gritando. Ainda tentando descobrir como me acalmar. — Quero dizer, você não apenas sabe como me matar de mil maneiras diferentes, mas, considerando o fato de que você é, tipo, a mulher mais bonita que eu já vi na minha vida – quero dizer, sim, faz muito mais sentido que você estivesse apenas brincando comigo do que acreditar em algum universo alternativo onde você realmente me acha atraente.

— Você é *inacreditável*!

— E você é claramente louca.

A boca dela se abre. Literalmente cai aberta. E por um segundo ela parece tão brava que acho que ela pode rasgar a garganta do meu corpo.

Eu volto.

— Ok, me desculpe, você não é louca, mas vinte minutos atrás você estava me acusando de estar apaixonado pela minha melhor amiga, então, para ser justo, acho que meus sentimentos são justificados.

— Você estava olhando para ela como se estivesse apaixonado por ela!

— Jesus Cristo, mulher, eu olho para *você* como se estivesse apaixonado por você!

— Eu... espere. O que?
Eu fecho meus olhos com força. — Nada. Deixa pra lá. Eu tenho que ir.
— Kenji.

Mas eu já fui embora.

# Três

Quando volto para o meu quarto, fecho a porta e afundo contra ela, afundando no chão em uma pilha triste e patética. Eu largo minha cabeça em minhas mãos e, em um momento estridente, eu penso...

Eu queria que minha mãe estivesse aqui.

O sentimento me apaga tão rápido que não consigo parar o tempo. Cresce rapidamente, espiralando fora de controle: tristeza gerando tristeza, autopiedade circulando-me sem piedade. Todas as minhas experiências de merda – todo desgosto, todo desapontamento – escolhem este minuto para me abrir, jantando no meu coração até não sobrar nada, até que a dor me coma vivo.

Eu desmorono sob o peso dela.

Enfio a cabeça nos joelhos, envolvo os braços em volta das canelas. Choques de dor se desenrolam no meu peito, dedos quebrando através da minha caixa torácica, fechando em volta dos meus pulmões.

Não consigo recuperar o fôlego.

No começo, não sinto as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. No começo, apenas ouço minha respiração, áspera e ofegante, e não entendo o som. Eu levanto minha cabeça, atordoado, e forço uma risada, mas parece estranha, estúpida. Eu sou estúpido. Pressiono os punhos contra os olhos e cerro os dentes, levando as lágrimas de volta ao meu crânio.

Não sei o que há de errado comigo esta noite.

Eu me sinto desequilibrado. Ansiando por algo. Estou perdendo de vista meu objetivo, meu senso de direção. Eu sempre digo a mim mesmo que estou lutando todos os dias por esperança, pela salvação da humanidade, mas toda vez que sobrevivo apenas para retornar a mais perda e devastação, algo se solta dentro de mim. É como se as pessoas e os lugares que eu amo são as porcas e os parafusos que me mantêm na posição vertical; sem eles, sou apenas sucata.

Eu suspiro, longo e trêmulo. Solto meu rosto em minhas mãos.

Eu quase nunca me permito pensar em minha mãe. Quase nunca. Mas agora, algo sobre a escuridão, o frio, o medo e a culpa – minha confusão sobre

Nazeera...

Eu gostaria de poder falar com minha mãe.

Eu gostaria que ela estivesse aqui para me abraçar, me guiar. Eu gostaria de poder rastejar em seus braços como costumava, gostaria de sentir seus dedos contra meu couro cabeludo no final de uma longa noite, massageando a tensão. Quando eu tinha pesadelos, ou quando meu pai ficava muito tempo procurando trabalho, ela e eu ficávamos juntos, abraçados. Eu me agarrava a ela e ela me balançava suavemente, passando os dedos pelos meus cabelos, sussurrando piadas no meu ouvido. Ela era a pessoa mais engraçada que eu já conheci. Tão esperta. Tão afiada.

Deus, sinto falta dela.

Às vezes, sinto tanto a falta dela que acho que meu peito está afundando. Sinto como se estivesse afundando no sentimento, como se eu nunca pudesse respirar. E às vezes acho que poderia morrer ali, naqueles momentos, violentamente afogado pela emoção.

Mas então, milagrosamente – polegada por polegada – o sentimento diminui. É um trabalho lento e torturante, mas eventualmente a catarata desaparece e, de alguma forma, estou vivo de novo. Sozinho de novo.

Aqui, no escuro, com minhas memórias.

Às vezes me sinto tão sozinho neste mundo que nem consigo respirar.

Castle tem sua filha de volta. Todos os meus amigos encontraram seus parceiros.

Perdemos Adam. Perdemos James. Perdemos todo mundo do Ponto Ômega também. Ainda me bate às vezes. Ainda me derruba quando esqueço de enterrar os sentimentos profundamente o suficiente.

Mas não posso continuar assim. Estou desmoronando e não tenho tempo para desmoronar. As pessoas precisam de mim, dependem de mim.

Eu tenho que arrumar minhas coisas.

Eu me arrasto, apoiando minhas costas contra a porta enquanto encontro meus pés.

Estou sentado no escuro, no frio, com as mesmas roupas que uso há uma semana. Eu vou ficar bem; Eu só preciso de uma mudança de ritmo.

James e Adam provavelmente estão bem.

Eles precisam estar.

Vou para o banheiro, pressionando os interruptores enquanto vou e ligo a água. Eu tiro essas roupas velhas, prometendo atear fogo a elas o mais rápido possível, e abro algumas gavetas, vasculhando as comodidades e os itens básicos de algodão que Nouria disse que seriam estocados em nossos quartos. Satisfeito, entro no chuveiro. Não sei como eles conseguiram água quente aqui e não me

importo.

Isto é perfeito.

Eu me inclino contra o azulejo frio enquanto a água quente me dá um tapa na cara.

Eventualmente eu afundo no chão, cansado demais para ficar de pé.

Eu deixo o calor me ferver vivo.

# Quatro

Eu pensei que o chuveiro realizaria algum tipo de cura restauradora, mas não funcionou tão bem quanto eu esperava. Sinto-me limpo, o que vale alguma coisa, mas ainda me sinto mal. Tipo, fisicamente ruim. Eu acho que tenho um controle melhor de minhas emoções, mas... eu não sei.

Eu acho que estou delirando. Ou com tontura. Ou ambos.

Tem que ser isso.

Estou tão exausto que você acha que teria caído no sono no segundo em que minha cabeça bateu no travesseiro, mas não tive tanta sorte. Passei algumas horas deitado na cama, olhando para o teto, e depois andei no escuro por um tempo, e agora estou aqui de novo, jogando duas meias enroladas na parede enquanto o sol faz movimentos preguiçosos em direção à lua.

Há uma lasca de luz subindo no horizonte. O começo do amanhecer. Estou olhando a cena através do quadrado da minha janela, ainda tentando descobrir o que há de errado comigo, quando uma batida repentina e violenta na minha porta envia uma injeção direta de adrenalina ao meu cérebro.

Estou de pé em segundos, coração batendo, cabeça batendo. Coloco as roupas e as botas tão rápido que quase me mato no processo, mas quando finalmente abro a porta, Brendan parece aliviado.

— Bom — diz ele. — Você está vestido.

— O que há de errado? — Pergunto automaticamente.

Brendan suspira. Ele parece triste – e então, por apenas um segundo: Ele parece assustado.

— O que há de errado? — Pergunto novamente. A adrenalina está se movendo através de mim agora, absorvendo meu medo. Eu me sinto mais calmo. Mais nítido. — O que aconteceu?

Brendan hesita; olha para algo por cima do ombro. — Eu sou apenas um mensageiro, companheiro. Eu não deveria te contar nada.

— O que? Por que não?

— Confie em mim — diz ele, encontrando meus olhos. — Vai ajudar ouvir

isso do próprio Castle.

# Cinco

— Por quê? — É a primeira coisa que digo a Castle.

Eu atravessei a porta com talvez um pouco de força demais, mas não posso evitar. Estou enlouquecendo. — Por que eu tenho que ouvir isso diretamente de você? — Eu pergunto. — O que está acontecendo?

Eu mal posso manter a raiva fora da minha voz. Mal consigo me impedir de imaginar todos os piores cenários possíveis. Qualquer número de coisas horríveis poderia ter merecido me arrastar para fora da cama antes do amanhecer, e me fazer esperar até cinco minutos extras para descobrir o que diabos está acontecendo não é nada menos que cruel.

Castle olha para mim, seu rosto sombrio, e eu respiro fundo, olho em volta, firmo meu pulso. Não faço ideia de onde estou. Parece algum tipo de... quartel general. Outro prédio.

Castle, Sam e Nouria estão sentados em uma mesa comprida de madeira, em cima de papéis espalhados, plantas encharcadas, uma régua, três canivetes e várias xícaras de café velhas.

— Sente-se, Kenji.

Mas ainda estou olhando em volta, desta vez procurando por J. Ian e Lily estão aqui.

Brendan e Winston também.

Não J. Não Warner. E ninguém está fazendo contato visual comigo.

— Onde está Juliette? — Pergunto.

— Você quer dizer Ella, — diz Castle gentilmente.

— Tanto faz. Por que ela não está aqui?

— Kenji, — diz Castle. — Por favor, sente-se. Isso já é difícil o suficiente sem ter que gerenciar suas emoções também. Por favor.

— Com todo o respeito, senhor, vou me sentar depois de saber o que diabos está acontecendo.

Castle suspira pesadamente. Finalmente, ele diz: — Você estava certo.

Meus olhos se arregalam, meu coração ainda martela no meu peito. —

Desculpe?

— Você estava certo, — diz Castle, e sua voz pega na última palavra. Ele aperta e abre os punhos. — Sobre Adam. E James.

Mas estou balançando a cabeça. — Eu não quero estar certo. Eu estava exagerando.

Eles estão bem. Não me escute, — eu digo, parecendo um pouco louco. — Não estou certo.

Eu nunca estou certo.

— Kenji.

— *Não*.

Castle olha para cima, me olha diretamente nos olhos. Ele parece arrasado. Além de devastado.

— Diga-me que isso é uma piada, — eu digo.

— Anderson levou os meninos como reféns, — diz ele, olhando para Brendan e Winston.

Ian. O fantasma de Emory. — Ele está fazendo isso de novo.

Eu não aguento isso.

Meu coração não aguenta isso. Eu já estou muito perto da beira da crise. Isso é demais.

*Demais*.

— Você está errado, — eu insisto. — Anderson não faria isso, não com James. James é apenas uma criança. Ele não faria isso com uma criança.

— Sim, — diz Winston calmamente. — Ele faria.

Olho para ele, meus olhos selvagens. Eu me sinto estúpido. Sinto como se minha pele estivesse muito tensa. Muito solta. E estou olhando para Castle novamente quando digo: — Como você sabe? Como você pode ter certeza de que essa não é outra armadilha, assim como da última vez...

— Claro que é uma armadilha, — diz Nouria. Sua voz é firme, mas não cruel. Ela olha para Castle antes de dizer: — Não sei por que, mas meu pai está fazendo isso parecer uma simples situação de refém. Não é. Ainda não temos certeza do que está acontecendo.

Definitivamente, parece que Anderson está mantendo os meninos como reféns, mas também está claro que há algo muito maior acontecendo nos bastidores. Anderson está tramando alguma coisa. Se ele não estivesse, ele não teria...

— Eu acho, — diz Sam, apertando a mão de sua esposa, — o que Nouria está tentando dizer é que achamos que Adam e James desempenham apenas um pequeno papel nisso tudo.

Olho entre eles, confuso. Há uma tensão na sala que não estava lá há um

momento atrás, mas minha cabeça está cheia de areia demais para descobrir isso.
— Acho que não entendo no que você está falando, — digo.

Mas é Castle quem explica.

— Não são apenas Adam e James, — diz ele. — Anderson atualmente tem a custódia de todas as crianças – especificamente, as crianças dos comandantes supremos.

E estou prestes a fazer outra pergunta antes que eu perceba.

Eu sou o *único* a fazer perguntas agora. Olho ao redor da sala, para os rostos dos meus amigos. Eles parecem tristes, mas determinados. Como se eles já soubessem como essa história termina e estão prontos para enfrentá-la.

Estou chocado com a revelação. E não consigo esconder a voz quando digo:
— Por que fui o último a ser informado sobre isso?

Minha pergunta é seguida por um silêncio perfeito. Olhares atormentados. Expressões nervosas.

Então finalmente:

— Nós sabíamos que seria difícil para você — diz Lily. Lily, que nunca se importa com meus sentimentos. — Você estava nessa missão maluca, e então tivemos que atirar no seu avião do céu. Honestamente, não tínhamos certeza se deveríamos contar imediatamente. — Ela hesita. E então, dirigindo um olhar irritado para as outras damas da sala:

— Mas se isso faz você se sentir melhor, Nouria e Sam também não nos disseram imediatamente.

— O quê? — Minhas sobrancelhas voam pela minha cabeça. — O que diabos está acontecendo? Quando você recebeu as notícias pela primeira vez?

O quarto fica quieto novamente.

— Quando? — Eu exijo.

— Quatorze horas atrás, — diz Nouria.

— *Quatorze horas atrás?* — Meus olhos se arregalam ao ponto de dor. — Você sabia disso *quatorze horas atrás* e só está me contando agora? Castle?

Ele balança a cabeça.

— Elas esconderam de mim também, — diz ele, e apesar de seu comportamento calmo, noto a tensão em sua mandíbula. Ele não me olha nos olhos. Ele também não olha para Nouria.

A realização amanhece com uma velocidade repentina e surpreendente, e finalmente entendo: há muitos cozinheiros nesta cozinha metafórica.

Eu não tinha idéia de que tipo de merda complicada eu acabei de entrar, mas é claro que Nouria e Sam estão acostumadas a administrar esse lugar por conta própria. Filha ou não, Nouria é a cabeça dessa resistência, e não importa o quanto ela goste de ter o pai por perto, ela não está prestes a ceder o controle. O

que aparentemente significa que ela impedirá que ele acesse informações classificadas antes que considere necessário. O que signific ...

Inferno, acho que significa que Castle não tem mais autoridade real.

Puta merda.

— Então você sabia disso, — eu digo, olhando de Nouria para Sam. — Você sabia quando chegamos aqui ontem – você sabia que Anderson estava reunindo as crianças.

Quando fizemos bolo e cantamos parabéns para Warner, você sabia que James e Adam haviam sido sequestrados. Quando perguntei, repetidas vezes, por que diabos Adam e James não estavam aqui, você sabia e não *disse nada*...

— Acalme-se, — diz Nouria bruscamente. — Você está perdendo o controle.

— Como você pode mentir para nós assim? — Eu exijo, sem me preocupar em manter minha voz baixa. — Como você pôde ficar lá e sorrir quando soube que nossos amigos estavam sofrendo?

— Porque precisávamos ter certeza, — diz Sam para mim. E então ela suspira pesadamente, afastando mechas de seus cabelos loiros do rosto. Há manchas roxas sob seus olhos que me dizem que não sou o único que está perdendo o sono ultimamente. — Anderson mandou seus homens alimentar essas informações diretamente no subsolo. Ele o plantou em nossas redes de propósito, o que me fez duvidar dos motivos dele desde o início.

— Anderson parece ter descoberto que sua equipe se refugiou com outro grupo rebelde, — diz ela. — Mas ele não sabe qual de nós está protegendo você. Eu imaginei que ele estava apenas tentando nos atrair, a céu aberto, então eu queria verificar as informações antes de espalhá-las mais. Não queríamos dar os próximos passos sem ter certeza, e não achamos que seria bom para o moral espalhar informações prejudiciais que, em última análise, podem ser falsas.

— Você esperou quatorze horas para espalhar informações que poderiam ter sido *verdadeiras*, — eu choro. — Anderson poderia ter decidido matá-los agora!

Nouria balança a cabeça. — Não é assim que uma situação de refém funciona. Ele deixou claro que quer algo de nós. Ele não mataria suas próprias fichas de barganha.

De repente eu fico imóvel. — O que você quer dizer? O que ele quer de nós? — Então, olhando em volta novamente: — E por que diabos Juliette não está aqui agora? Ela precisa ouvir isso.

— Não há razão para atrapalhar o sono de Ella, — diz Sam, — porque não há nada que possamos fazer no momento. Vamos informá-la de manhã.

— O inferno que vamos, — eu digo com raiva, me esquecendo. — Sinto muito, senhor, sei que não estamos mais no Ômega, mas você precisa fazer alguma coisa. Isso não está bem. J liderou uma maldita resistência – ela não quer

ser mimada ou protegida dessa merda.

E quando ela descobrir que não dissemos a ela que ela ficará chateada.

— Kenji...

— Isso é algum tipo de besteira, de qualquer maneira, — eu digo, minhas mãos presas no meu cabelo. — Um blefe. Mais mentiras. Anderson não tem como ter as outras crianças. Ele obviamente está tentando mexer com a nossa cabeça – e está funcionando – porque ele sabe que nunca poderíamos ter certeza se ele realmente os levou como reféns. Isso tudo é algum jogo mental complicado. — digo. — É a peça perfeita.

— Não é, — diz Brendan, colocando a mão no meu ombro. As sobrancelhas dele se juntam com preocupação. — Não é um jogo mental.

— Claro que...

— Sam os viu, — diz Nouria. — Temos provas.

Eu endureci. — O que?

— Eu posso ver através de longas distâncias, — diz Sam. Ela tenta sorrir, mas apenas parece cansada. — Realmente, realmente longas distâncias. Nós pensamos que, se Anderson fosse levar as crianças para qualquer lugar, ele faria isso em algum lugar perto de sua base, onde ele tem soldados e recursos à sua disposição. E quando Ella nos disse que Evie estava morto, fiquei ainda mais certa de que ele voltaria para a América do Norte, onde precisaria controlar os danos e manter seu poder sobre o continente. Caso outro grupo rebelde tentasse tirar proveito da repentina revolta, ele teria que estar aqui, exercitar seu poder, manter a ordem. Então, concentrei-me no setor 45 em minha pesquisa. Demorou quase todas as catorze horas para fazer uma varredura adequada, mas tenho certeza de que encontrei provas suficientes para apoiar suas alegações.

— Que diabos... Você tem certeza de que encontrou provas *suficientes*? Que tipo de bobagem vaga é essa? E por que você é quem decide quem...

— Cuidado com o seu tom, Kishimoto, — diz Nouria bruscamente. — Sam tem trabalhado sem parar tentando entender essa situação. Você reconhecerá a autoridade dela aqui, onde lhe oferecemos refúgio, e você lhe dará sua gratidão e respeito.

Sam coloca uma mão calma no braço de Nouria. — Está tudo bem, — diz Sam, ainda olhando para mim. — Ele está apenas exagerado.

— Estamos todos exagerados, — diz Nouria, estreitando os olhos para mim. A raiva dá a ela um brilho etéreo repentino que faz sua pele escura parecer quase bioluminescente. Por um momento, não consigo desviar o olhar.

Eu balanço minha cabeça rapidamente para limpá-la.

— Eu não estou tentando ser desrespeitoso, — eu digo. — Só não entendo por que estamos comprando isso. 'Bastante evidência' não parece convincente,

especialmente quando Anderson fazia exatamente essa mesma merda antes. Você se lembra como isso acabou? Se não fosse por J, que salvou todas as nossas bundas naquele dia, estaríamos mortos. Ian definitivamente estaria morto agora.

— Sim, — diz Castle pacientemente, — mas você está esquecendo um detalhe importante.

Inclino minha cabeça para ele.

— Anderson realmente tinha nossos homens. Ele nunca mentiu sobre isso.

Eu aperto meu queixo. Meus punhos. Meu corpo inteiro vira pedra.

— Negação é o primeiro estágio do luto, mano.

— Foda-se, Sanchez.

— Isso é o *suficiente*, — diz Castle, levantando-se com força repentina. Ele parece lívido, a mesa chocalhando sob os dedos abertos. — Qual é o seu problema, filho? Isso não é como você – esse comportamento irritado, imprudente e desrespeitoso. Seus julgamentos severos não estão fazendo nada para ajudar a situação atual.

Eu fecho meus olhos com força.

A raiva explode na escuridão atrás das minhas pálpebras, fogos de artifício se formando e me derrubando.

Minha cabeça está girando.

Meu coração está girando.

Uma gota de suor viaja pelas minhas costas e eu tremo, involuntariamente.

— Tudo bem, — eu estalo, abrindo meus olhos. — Peço desculpas pelo meu comportamento desrespeitoso. Mas só vou fazer essa pergunta mais uma vez antes de buscá-la: por que diabos Juliette não está aqui agora?

O silêncio coletivo deles é a única resposta de que preciso.

— O que realmente está acontecendo? — Eu digo com raiva. — Por que você está fazendo isso? Por que você está deixando ela dormir, descansar e se recuperar tanto? O que você não está dizendo para m...

— Kenji. — Castle parece subitamente diferente. Seus olhos estão juntos, sua testa enrugada de preocupação. — Você está se sentindo bem?

Eu pisco. Respiro súbita e firmemente. — Estou bem, — eu digo, mas por um segundo as palavras soam estranhas, como se eu fosse pego em um eco.

— Mano, você não parece bem.

Quem disse isso?

Ian?

Eu me viro na sua voz, mas tudo parece distorcer enquanto me movo, parece dobrar ao meio.

— Sim, talvez você deva dormir um pouco.

Winston?

Eu me viro novamente e desta vez todos os sons aceleram, avançando rapidamente até colidirem em tempo real. Meus ouvidos começam a tocar. E então olho para baixo, percebendo tarde demais que minhas mãos estão tremendo. Meus dentes estão tremendo.

Conversando. Estou *congelando*. — Por que está tão frio aqui? — Pergunto.

Brendan está de repente ao meu lado. — Deixe-me levá-lo de volta para o seu quarto, — diz ele. — Talvez você...

— Eu estou bem, — eu minto, me afastando dele. Eu posso sentir meu coração batendo muito rápido, o movimento tão rápido que é um borrão, praticamente uma vibração.

Isso me assusta.

Preciso me acalmar. Eu preciso recuperar o fôlego. Eu preciso me sentar – ou me apoiar em algo...

A exaustão me atinge como uma bala entre os olhos. De repente, ferozmente, cravando suas garras no meu peito e me arrastando para baixo. Eu tropeço em uma cadeira, piscando lentamente. Meus braços estão pesados. Minha frequência cardíaca começa a diminuir. Eu sou liquido.

Meus olhos se fecham.

Instantaneamente, uma imagem de James se materializa em minha mente: faminto, machucado, espancado. Sozinho e aterrorizado.

O horror envia um choque elétrico ao meu coração, me traz de volta à vida.

Meus olhos se abrem.

— Escute. — Minha garganta está seca. Eu engulo em seco. — Escute, — digo novamente, — se isso é verdade, se James e Adam estão realmente sendo feitos reféns por Anderson agora, então temos que ir. Temos que ir agora. *Agora*, diabos...

— Kenji, não podemos, — diz Sam. Ela está de pé na minha frente, o que me surpreende.

— Não podemos fazer nada agora. — Ela está pronunciando as palavras lentamente. Com cuidado, como se ela estivesse conversando com uma criança.

— Por que não?

— Porque ainda não sabemos exatamente onde eles estão. — Nouria, desta vez. — E

porque você está certo: tudo isso é uma espécie de armadilha.

Ela está olhando para mim como se estivesse com pena de mim, e isso envia outra dose de raiva através do meu sangue. — Não podemos entrar nisto despreparados, — diz ela. — Precisamos de mais tempo. Mais informações.

—Nós vamos recuperá-los, — diz Castle, dando um passo à frente. Ele coloca as mãos nos meus ombros e espia meu rosto. — Eu juro que vamos

recuperá-los. James e Adam vão ficar bem. Só precisamos formar um plano primeiro.

— Não, — eu digo com raiva, rompendo. — Nada disso faz sentido. Juliette precisa estar aqui. Toda essa situação está fodida.

— *Kenji…*

Eu saio correndo da sala.

# Seis

Eu devo estar louco.

Tem que ser isso. Não há outra razão para eu xingar no rosto de Castle, gritar com a filha dele, lutar com meus próprios amigos e ainda estar aqui de madrugada, pressionando a campainha pela terceira vez. É como se eu estivesse *pedindo* para ser assassinado. É como se eu quisesse que Warner me desse um soco na cara ou algo assim. Mesmo agora, através da névoa espessa e muda da minha cabeça, eu sei que não deveria estar aqui. Eu sei que não está certo.

Mas eu estou (a) muito burro, (b) muito cansado, (c) muito bravo ou (d) todas as opções acima, para dar uma merda adequada sobre seu espaço pessoal ou sua privacidade. E

então, como se fosse uma sugestão, ouço sua voz abafada e zangada pela porta.

— Por favor, amor. Ignore isso.

— E se algo estiver errado?

— Nada está errado, — diz ele. — É apenas Kenji.

— Kenji? — Eu ouço algum tipo de barulho, e meu coração acelera. J sempre aparece.

Ela sempre aparece. — Como você sabe que é Kenji?

— Chame de palpite, — diz Warner.

Toco a campainha novamente.

— Estou indo! — *J*. Finalmente.

— Ela não vai — grita Warner. — Vá embora.

— Eu não vou a lugar nenhum, — eu grito de volta. — Quero falar com Juliette. Ella. Jella. Jello. Tanto faz.

— Ella, amor, por favor, deixe-me matá-lo.

Eu ouço J rir, o que é legal, na verdade, porque é claro que ela acha que é brincadeira de Warner. Eu, por outro lado, tenho certeza que não é.

Warner diz algo então, algo que eu não ouço. O quarto fica quieta e, por um momento, estou confuso. E então eu percebo que fui superado. Warner

provavelmente a colocou de volta na cama.

*Droga.*

— Mas é exatamente por isso que eu deveria atender a porta, — eu a ouço dizer. Mais silêncio. Então farfalhando. Um baque abafado. — Se ele precisar falar comigo de manhã cedo, deve ser importante.

Warner suspira tão alto que eu realmente ouço através da parede.

Pressiono a campainha novamente.

Um único choro ininteligível.

— *Ei* — eu chamo. — Sério, alguém abre a porta. Estou congelando aqui fora.

Mais resmungos irritados de Warner.

— Eu já vou — grita Jello.

— Por que está demorando tanto?—, Pergunto.

— Estou tentando… — Eu a ouço rir, e então, em uma voz suave e doce, claramente direcionada a outra pessoa: — Aaron, por favor – eu prometo que volto já.

— J?

— Estou tentando me vestir!

— *Oh*. — Eu tento, muito, muito difícil não imaginar os dois, despidos, na cama juntos, mas de alguma forma eu não posso impedir a imagem de se materializar. — Ok, eca.

Então:

— Amor, quanto tempo você planeja ser amiga dele?

J ri de novo.

Cara, essa garota não tem idéia.

Quero dizer, ok... É verdade que se por cinco segundos eu parasse para me colocar no lugar de Warner, eu entenderia exatamente por que ele quer me matar com tanta frequência.

Se eu estivesse na cama com minha garota e algum imbecil carente continuasse tocando a campainha por nenhuma razão, exceto que ele queria falar sobre seus sentimentos com ela, eu também iria querer matá-lo.

Por outro lado, não tenho uma garota e, nesse ritmo, provavelmente nunca terei. Então eu meio que não ligo – e Warner sabe disso. É metade da razão pela qual ele me odeia tanto.

Ele não pode me afastar sem machucar J, mas também não pode me deixar entrar sem compartilhá-la. Ele está em uma posição de merda.

Funciona para mim, no entanto.

E ainda tenho meu dedo pairando sobre a campainha quando ouço passos, cada vez mais perto. Mas quando a porta finalmente se abre, dou um passo

brusco e repentino.

Warner parece furioso.

Seu cabelo está despenteado, a faixa do roupão amarrada muito rapidamente. Ele está sem camisa, com os pés descalços e provavelmente nu por baixo dessa túnica, que é a única razão pela qual eu me forço a encontrar seus olhos.

*Merda.*

Ele não estava brincando nem um pouco. Ele está realmente chateado.

E sua voz é baixa – letal – quando ele diz: — Eu deveria ter deixado você congelar até a morte no antigo apartamento de Kent. Eu deveria ter deixado esses roedores devorarem sua carcaça cuidadosamente preservada. Eu deveria ter...

— Escute, cara, eu realmente não estou tentando...

— *Não* me interrompa.

Minha boca se fecha.

Ele respira fundo, afiado. Seus olhos são como fogo. Verde. Gelo. Fogo. Naquela ordem.

— Por que você faz isso comigo? Por quê?

— Hum. Ok, eu sei que isso vai ser difícil para um narcisista como você entender, mas isso não tem nada a ver com você. J é minha amiga. Na verdade, ela foi minha amiga primeiro. Nós éramos amigos muito antes de você aparecer.

Os olhos de Warner se arregalam de indignação. E antes que ele tenha chance de falar, eu digo: — Minha culpa. Sinto muito. — Eu levanto minhas mãos em desculpas. — Eu esqueci a coisa toda de limpar a memória por um segundo. Mas honestamente, tanto faz. No que diz respeito às minhas memórias, eu a conheci primeiro.

E então, de repente...

Warner franze a testa.

É como se alguém apertasse um botão e o fogo em seus olhos se apagasse. Ele está me estudando de perto agora, e isso está me deixando nervoso.

— O que está acontecendo? — Ele diz. Ele inclina a cabeça para mim e, um momento depois, seus olhos se arregalam de surpresa. — Por que você está aterrorizado?

Jello aparece antes que eu possa responder.

Ela sorri para mim – essa coisa grande, brilhante e feliz que sempre aquece meu coração – e fico aliviado ao descobrir que ela está completamente vestida. Não vestida nua sob um roupão de banho, mas, tipo, ela está vestindo um casaco e sapatos e está pronta para sair pela porta meio que vestida.

Eu sinto que posso finalmente respirar.

Mas em um instante, seu sorriso se foi. E quando ela fica subitamente pálida,

quando seus olhos se arregalam de preocupação – eu me sinto um pouquinho melhor. Eu sei que parece estranho, mas há algo tranquilizador na reação dela; significa que pelo menos algo está certo com o mundo. Porque eu sabia. Eu sabia que, ao contrário de todos os outros, ela veria imediatamente que eu não estava bem. Que eu não estou bem. Não são necessárias superpotências.

E de alguma forma, isso significa tudo.

— Kenji, — diz ela, — o que há de errado?

Eu mal posso aguentar mais. Uma dor surda e latejante pressiona a parte de trás do meu olho esquerdo; manchas pretas desaparecem dentro e fora da minha visão, marcando tudo.

Sinto que não consigo respirar o suficiente, como meu peito é muito pequeno, meu cérebro muito grande.

— Kenji?

— É James, — eu digo, minha voz saindo fina. Errado. — Anderson o levou. Anderson levou James e Adam. Ele os mantém reféns.

# Sete

Estamos de volta à sala de guerra.

Estou de pé na porta com J ao meu lado – Warner precisou de um minuto para escolher uma roupa fofa e trançar o cabelo – e nos quinze minutos que eu fui embora, a atmosfera nesta sala mudou drasticamente. Todo mundo fica olhando entre mim e J. Mais como encarando. Brendan parece cansado. Winston parece irritado. Ian parece irritado. Lily parece chateada. Sam parece irritada. Nouria parece chateada.

Castle parece super chateado.

Ele está me olhando com olhos estreitos, e nossos anos juntos me ensinaram o suficiente sobre a linguagem corporal de Castle para saber exatamente o que ele está pensando agora.

No momento, ele está pensando que está mais do que um pouco decepcionado comigo, que se sente traído pela minha renúncia à promessa de parar de usar a palavra f, que eu o desrespeitei deliberadamente e que devo ficar de castigo por duas semanas por gritar com a filha dele e a esposa dela. Além disso, ele está envergonhado. Ele esperava mais de mim.

— Me desculpe, eu perdi a paciência, senhor.

O queixo de Castle fica tenso enquanto ele me avalia. — Você está se sentindo melhor?

Não. — Sim.

— Então discutiremos isso mais tarde. — Desvio o olhar, cansado demais para recuperar o remorso necessário. Estou muito cansado. Esgotado. Torcido. Sinto que meu interior foi arranhado com ferramentas enferrujadas, mas de alguma forma ainda estou aqui. Ainda em pé. De alguma forma, ter J ao meu lado está tornando tudo mais tolerável. É bom saber que há alguém aqui que está no meu time.

Após um minuto inteiro de silêncio constrangedor, J fala.

— Então, — diz ela, deixando a palavra pairar no ar por um momento. — Por que ninguém me contou sobre essa reunião?

— Não queríamos incomodá-la, — diz Nouria docemente. — Você passou duas semanas tão difíceis – achamos melhor não acordá-la, a menos que tenhamos um plano de ação firme.

J franze a testa. Eu posso dizer que ela está pensando – e duvidando – do que Nouria acabou de dizer a ela. Parece bobagem para mim também. Nós praticamente nunca fazemos acordos especiais para deixar as pessoas descansarem ou dormirem depois de uma batalha – a menos que estejam feridas. Às vezes, nem mesmo então. J, em particular, nunca recebeu tratamento especial como esse antes. Nós não a tratamos como uma criança, lidamos com ela como se ela fosse de porcelana. Como se ela ainda pudesse quebrar.

Mas Jello decide deixar para lá.

— Sei que você estava tentando ser gentil, — ela diz a Nouria, — e sou grata pelo espaço e generosidade – especialmente na noite passada, por Aaron – mas você deveria ter nos contado imediatamente. Na verdade, você deveria ter nos contado no minuto em que pousamos. Não importa o quanto passamos, — diz ela. — Nossas cabeças estão aqui, na realidade do que estamos lidando agora, e Aaron estará lutando ao nosso lado. Está na hora de todos vocês pararem de subestimá-lo.

— Espere – o quê? — Ian franze a testa. — O que subestimar Warner tem a ver com James?

J balança a cabeça. — Aaron tem tudo a ver com James. De fato, — ela diz, — não consigo entender por que ele não foi a primeira pessoa com quem você conversou sobre isso. Seus preconceitos estão te machucando. Te segurando.

É a minha vez de franzir a testa. — Qual é o sentido desse discurso, princesa? Não vejo como Warner é relevante para a conversa. E por que você continua chamando-o de Aaron?

É estranho.

— Eu... *Oh*, — diz ela, e franze a testa. — Eu sinto muito. Minha mente... minhas memórias ainda estão... Estou tendo dificuldades. Ele tem sido Aaron para mim por muito mais tempo do que foi Warner.

Eu levanto uma sobrancelha. — Acho que vou chamá-lo de Warner.

— Eu acho que ele prefere isso de você.

— Bom. De qualquer forma. Então você acha que o subestimamos.

— Eu acho, — diz ela.

Desta vez, Nouria fala. — E por que isto?

J exala. Seus olhos estão tristes e sérios quando ela diz: — Anderson é o tipo de monstro que faria refém um garoto de dez anos e o jogaria na prisão ao lado de soldados treinados.

Tanto quanto sabemos, ele está tratando James da mesma maneira que está

tratando Valentina. Ou Lena. Ou Adam. É desumano em um nível tão perturbador que mal posso me permitir pensar nisso. É difícil para mim entender. Mas não é difícil para Aaron imaginar. Ele conhece Anderson – e o funcionamento interno de sua mente – melhor do que qualquer um de nós. Seu conhecimento de O Restabelecimento e Anderson, em particular, não tem preço.

— Mais importante: James é o irmão mais novo de Aaron. E se alguém sabe como é ter dez anos e ser torturado por Anderson, é Aaron. — Ela olha para cima e olha Castle diretamente nos olhos. — Como você achou que deixá-lo fora dessa conversa era uma boa ideia? Como você pode imaginar que ele não seria o primeiro a se importar? Ele está arrasado.

E então, como se ela o conjurasse do nada, Warner aparece na porta. Eu pisco, e Nazeera está seguindo-o para dentro da sala. Eu pisco novamente, e Haider e Stephan aparecem.

É estranho vê-los juntos assim, todos eles são pequenos experimentos científicos. Super soldados. Todos eles andam da mesma maneira, altos e orgulhosos, com uma postura perfeita, parecendo serem donos do mundo.

Acho que eles meio que fazem. Pelo menos, seus pais fazem.

*Bizarro.*

Não consigo imaginar como deve ser criado pelos pais que ensinam a você que o mundo é seu para fazer o que quiser. Talvez Nazeera estivesse certa. Talvez sejamos muito diferentes. Talvez nunca tivesse dado certo entre nós, por mais que eu quisesse tentar.

Nazeera, Stephan e Haider nos dão um amplo espaço, ficando de lado e sem dizer nada – nem mesmo cumprimentando um olá – mas Warner continua andando. Jello o encontra no meio da sala, e ele a puxa para seus braços como se não se viam há dias. De alguma forma, eu consigo não vomitar. Mas então eu a ouço sussurrar algo sobre o aniversário dele, e uma onda massiva de culpa toma conta de mim.

Não acredito que esqueci.

Estávamos comemorando o aniversário de Warner um pouco prematuramente ontem à noite. Hoje é seu aniversário de verdade. Hoje. Agora mesmo. Esta manhã.

Merda.

Eu arrastei J da cama na manhã do *aniversário* dele.

Uau, eu realmente sou um idiota.

Quando eles se separam, Warner faz um movimento repentino, quase imperceptível, com a cabeça e Nazeera, Stephan e Haider vão até a mesa, sentando-se ao lado de Ian, Lily, Brendan e Winston. Um pequeno batalhão pronto para a guerra. Às vezes é difícil acreditar que somos todos apenas um

bando de crianças. Definitivamente não parece. Mas esses quatro, em particular – eles parecem bastante impressionantes.

Warner está vestindo uma jaqueta de couro. Nunca o vi usar jaqueta de couro e não sei por quê. Combina com ele. Tem uma gola interessante e complicada, e o preto do couro é forte contra seus cabelos dourados. Mas quanto mais penso nisso, mais duvido que a jaqueta pertença a ele. Como não tínhamos posses quando pousamos aqui, acho que a Warner pediu emprestado à Haider. Haider, que está vestindo uma de suas camisas de cota de malha sob um pesado casaco de lã. Mas tudo isso não é nada comparado a Stephan, que está vestindo uma jaqueta de campo dourada que parece pele de cobra.

Isso é selvagem.

Esses caras parecem quase aliens aqui, entre os normais do mundo que não usam cota de malha no café da manhã. Mas até eu posso dizer que Haider parece algum tipo de guerreiro com todo esse metal pendurado no peito, e que a jaqueta de ouro realmente aparece contra o marrom da pele de Stephan. Mas quem vende merda assim? Eles são como roupas do espaço sideral ou algo assim. Eu não tenho idéia de onde esses caras fazem suas compras, mas acho que eles podem estar indo para as lojas erradas. Então, novamente, o que diabos eu saberia. Eu uso as mesmas calças e camisas rasgadas há anos.

Tudo o que eu possuía estava desbotado, mal consertado e um pouco apertado, se estou sendo sincero. Eu me considerava sortudo por ter um bom casaco de inverno e um par de botas decente. É isso aí.

— Kenji?

Eu me assusto, percebendo tarde demais que me perdi na cabeça novamente. Alguém está falando comigo. Alguém disse meu nome. Certo? Olho para os rostos deles, esperando reconhecimento, mas não recebo nada.

Eu olho para J em busca de ajuda, e ela sorri. — Nazeera, — explica ela, — acabou de fazer uma pergunta.

Merda.

Eu estava ignorando Nazeera. De propósito. Eu pensei que fosse óbvio. Eu pensei que ela e eu tínhamos um entendimento – pensamos que tínhamos feito um acordo silencioso para nos ignorarmos para sempre, para nunca reconhecer a merda que eu disse ontem à noite e fingir que não consigo sentir o sangue correr para todos os lugares errados no meu corpo quando ela me toca.

Não?

Está bem então.

Merda.

Relutantemente, eu me viro para olhá-la. Ela está usando aquele capuz de couro dela novamente, o que significa que eu posso ver apenas os lábios dela, o

que parece muito, muito injusto. Ela tem uma boca linda. Cheia. Doce. Droga. Não quero encarar a boca dela.

Quero dizer, eu quero, obviamente. Mas eu definitivamente também não. Enfim, já é difícil o suficiente ficar olhando para a boca dela, mas o capuz está escondendo os olhos, o que significa que eu não tenho ideia do que ela está pensando agora, ou se ela ainda está brava comigo pelo que eu disse ontem à noite.

Então...

— Eu estava perguntando se você suspeitava de alguma coisa, — diz Nazeera. — Sobre James. E Adam.

Como eu senti falta disso? Quanto tempo passei olhando para o espaço pensando em onde Haider faz suas compras?

Jesus.

O que diabos está errado comigo?

Eu balanço minha cabeça levemente, esperando limpá-la. — Sim, — eu digo. — Eu meio que me apavorei quando chegamos aqui e não vi Adam e James. Eu disse a todos também, — digo, lançando olhares individuais para meus amigos inúteis — mas ninguém me ouviu.

Todo mundo pensou que eu era louco.

Nazeera puxa o capuz e, pela primeira vez nesta manhã, posso ver seu rosto. Eu procuro seus olhos, mas não recebo nada. A expressão dela é clara. Não há nada em seu tom ou postura para me dizer o que ela está realmente pensando.

Nada.

E então seus olhos se estreitam, só um pouquinho. — Você disse a todos.

— Quero dizer… — eu pisco, hesito, — eu disse a algumas pessoas. Sim.

— Você não contou a nenhum de nós, no entanto. — Ela gesticula para o pequeno grupo de mercenários. — Você não contou a Ella ou Warner. Ou o resto de nós.

— Castle disse que eu não deveria contar para vocês, — eu digo, olhando entre J e Warner. — Ele queria que você pudesse ter uma boa noite juntos.

J está prestes a dizer algo, mas Nazeera a interrompe.

— Sim, eu entendo isso, — ela diz, — mas ele também disse para você não dizer nada a Haider e Stephan? Para mim? Castle não disse que você tinha que esconder suas suspeitas do resto de nós, disse?

Não há inflexão em sua voz. Sem raiva, nem mesmo uma pitada de irritação – mas todo mundo se vira de repente para olhar para ela. As sobrancelhas de Haider estão levantadas.

Até Warner parece curioso.

Aparentemente, Nazeera está sendo estranha.

Mas a exaustão colidiu comigo novamente.

De alguma forma, eu sei que este é o fim. Estou sem vida. Não há mais power-ups. Não haverá mais explosões de raiva ou adrenalina para me empurrar por mais um minuto. Eu tento falar, mas os fios do meu cérebro foram desconectados, redirecionados.

Minha boca se abre. Fecha.

Nada.

Desta vez, a exaustão me invade com tanta força violenta que sinto que meus ossos estão quebrando, que meus olhos estão derretendo, como se estivesse olhando o mundo através do celofane. Tudo assume um brilho ligeiramente metálico, vítreo e desfocado. E

então, pela primeira vez, eu percebo...

Isso não parece uma exaustão normal.

É tarde demais, no entanto. Tarde demais para perceber que eu posso estar mais do que muito, muito cansado.

Inferno, acho que posso estar morrendo.

Stephan diz alguma coisa. Eu não o ouço.

Nazeera diz alguma coisa. Eu não a ouço.

Alguma parte do meu cérebro ainda em funcionamento me diz para voltar para o meu quarto e morrer em paz, mas quando tento dar um passo à frente, tropeço.

Esquisito.

Dou mais um passo à frente, mas desta vez é pior. Minhas pernas emaranham e tropeço, apenas me pegando no último momento.

Tudo parece errado.

Os sons na minha cabeça parecem estar ficando mais altos. Não consigo abrir meus olhos completamente. O ar ao meu redor parece tenso – comprimido – e tento dizer *Eu me sinto tão estranho*, mas é inútil. Tudo o que sei é que sinto repentinamente frio. Muito frio.

Espere. Isso não está certo.

Eu franzo a testa.

— Kenji?

A palavra chega até mim de longe. Embaixo da água. Meus olhos estão fechados agora, e parece que eles continuarão assim para sempre. E então... Tudo cheira diferente. Como terra, molhada e fria. Esquisito. Algo está fazendo cócegas no meu rosto. Relva? Quando recebi grama no meu rosto?

— *Kenji!*

Oh. *Oh*. Não é legal. Alguém está me sacudindo com força, sacudindo meu cérebro no crânio e algo, algum instinto antigo, abre as dobradiças enferrujadas

das minhas pálpebras, mas quando tento me concentrar, não consigo. Tudo é macio.

Alguém está gritando. Alguén *s*. Espere, qual é o plural de *alguém*? Acho que nunca ouvi tantas pessoas dizerem meu nome ao mesmo tempo. Kenji kenji kenji kenjikenjikenji Eu tento rir.

E então eu a vejo. Lá está ela. Cara, esse é um sonho legal. Mas lá está ela. Ela está tocando meu rosto. Viro a cabeça um pouco, descanso a bochecha contra a palma suave e macia da mão dela. Parece incrível.

Nazeera.

*Tão linda,* eu penso.

E então eu apago.

Leve como uma pena.

# Oito

Quando abro os olhos, vejo aranhas.

Olhos e braços, olhos e braços, olhos e braços em toda parte. Ampliados. De perto. Mil olhos, redondos e brilhantes. Centenas de braços alcançando em minha direção.

Eu fecho meus olhos novamente.

Ainda bem que não tenho medo de aranhas, caso contrário, acho que estaria gritando.

Mas eu aprendi a viver com aranhas. Eu morava com elas no orfanato, nas ruas à noite, no subsolo do Ponto Ômega. Elas se escondem nos meus sapatos, debaixo da minha cama, capturam moscas nos cantos do meu quarto. Eu geralmente as cutuco de volta para fora, mas nunca as mato. Temos um entendimento, aranhas e eu. Somos legais.

Mas nunca *ouvi* aranhas antes.

E essas coisas são barulhentas. É muito barulho discordante, muito zumbido e vibração que não consigo separar em sons. Mas então, lentamente, elas começam a se separar.

Encontrar formas.

Eu percebo que são vozes.

— Você está certo que é incomum, — diz alguém. — É definitivamente estranho que ele esteja experimentando efeitos prolongados tanto tempo depois – mas não é algo inédito.

— Essa teoria não faz sentido — *Nazeera*. — Isso soa como Haider. — Estas são as suas curadoras. Tenho certeza de que elas saberiam o que...

— Eu não ligo, — diz ela bruscamente. — Eu discordo. Kenji tem estado bem nestes últimos dias, e eu saberia; Eu estava com ele. Este é um diagnóstico absurdo. É

irresponsável sugerir que ele está sendo afetado por drogas que foram administradas dias atrás, quando a causa subjacente é inequivocamente outra coisa.

Há um longo período de silêncio.

Finalmente, ouço alguém suspirar.

— Você pode achar isso difícil de acreditar, mas o que fazemos não é mágico. Lidamos com a ciência real. Podemos, dentro de certos parâmetros, curar uma pessoa doente ou ferida. Podemos regenerar tecidos e ossos e reabastecer a perda de sangue, mas não podemos fazer muito por isso... intoxicação alimentar, por exemplo. Ou uma ressaca. Ou exaustão crônica. Ainda existem muitos males e enfermidades que ainda não podemos curar.

— Deve ser Sara. Ou Sonya. Ou ambas. Nem sempre posso distinguir as vozes delas.

— E agora, — diz uma delas, — apesar dos nossos melhores esforços, Kenji ainda tem esses medicamentos em seu sistema. Eles têm que seguir seu curso.

— Mas – tem que haver algo...

— Kenji está usando adrenalina pura nas últimas trinta e seis horas, — diz uma das gêmeas. — Os altos e baixos estão devastando seu corpo, e a privação do sono o torna mais suscetível aos efeitos das drogas.

— Ele vai ficar bem? — Nazeera pergunta.

— Não se ele não dormir.

— O que isso significa? — J. Jella. Jello. Essa é a voz dela. Ela parece aterrorizada. — Quão sério é o dano? Quanto tempo leva para ele se recuperar?

E então, enquanto minha mente continua afiada, percebo que as gêmeas estão conversando em conjunto, completando os pensamentos e frases uma da outra, de modo que parece que apenas uma pessoa está falando. Isso faz mais sentido.

Sara: — Não podemos ter certeza.

Sonya: — Pode demorar horas, pode demorar dias.

— *Dias?* — Nazeera novamente.

Sara: — Ou não. Realmente depende apenas da força do seu sistema imunológico. Ele é jovem e, de outra forma, muito saudável, então tem as melhores chances de se recuperar.

Mas ele está severamente desidratado.

Sonya: — E ele precisa dormir. Não inconsciência induzida por drogas, mas sono real e restaurador. O melhor que podemos fazer é controlar sua dor e deixá-lo em paz.

— Por que você fez isso com ele? — Castle. *Castle está aqui*. Mas sua voz é áspera. Um pouco assustado. — Foi necessário? De verdade?

Silêncio.

— *Nazeera*. — É Stephan.

— Pareceu necessário, — diz Nazeera em voz baixa. — No momento.

— Você poderia ter dito a ele, você sabe. — J novamente. Ela parece chateada. — Você não precisava drogá-lo. Ele estaria bem no avião se você tivesse dito a ele o que iria acontecer.

— Você não estava lá, Ella. Você não sabe. Eu não poderia arriscar. Se Anderson tivesse alguma ideia de que Kenji estava naquele avião – se Kenji emitisse um *único* som – estaríamos todos mortos agora. Eu não podia confiar que ele permaneceria desumanamente parado e silencioso por oito horas, ok? Era a única maneira.

— Mas se você realmente o conheceu, — diz J, sua raiva mudando, ficando desesperada.

— Se você tivesse alguma ideia de como era lutar com Kenji ao seu lado, nunca pensaria nele como um passivo.

Eu quase sorrio.

J sempre aparece. Sempre na equipe.

— Kenji, — ela ainda está dizendo, — não teria feito nada para comprometer a missão.

Ele teria sido um trunfo para você. Ele poderia ter te ajudado mais do que você imagina.

Ele...

Alguém limpa a garganta alto, e eu estou decepcionado. Eu estava gostando muito desse discurso.

— Eu não acho que… — É uma das gêmeas novamente. Sara. — Não acho útil colocar a culpa. Agora não. E especialmente não neste caso.

— Na verdade, — diz Sonya, e suspira, — achamos que foram as notícias sobre James que o empurraram para o limite.

— O quê? — Nazeera novamente. — O que você quer dizer?

Sara: — Kenji ama James. Mais do que a maioria das pessoas sabe. Nem todo mundo percebe o quão perto eles são...

… mas costumávamos vê-lo todos os dias, — diz Sonya. — Sara e eu trabalhamos com James há um tempo, ensinando-o a usar seus poderes de cura.

Sonya: — Kenji sempre esteve lá. Ele estava sempre aparecendo. Ele e James têm um vínculo especial.

— E quando você está preocupado, — diz Sara, — quando você está com tanto medo, níveis extremos de estresse podem prejudicar gravemente nosso sistema imunológico.

Hã. Acho que isso significa que meu sistema imunológico está ferrado por toda a vida.

Mesmo assim, acho que estou me sentindo melhor. Não sou apenas capaz de distinguir os sons de suas vozes, mas agora percebo que há uma agulha no meu

braço, e dói como uma cadela.

Eles devem estar me dando fluidos.

Ainda não consigo manter os olhos abertos, mas posso tentar me forçar a falar.

Infelizmente, minha garganta está seca. Grossa. Áspera como lixa. Parece muito trabalho para formar frases completas, mas depois de um minuto eu consigo dizer duas palavras: — Estou bem.

— *Kenji*. — Sinto Castle se apressar para frente, pegando minha mão. — Obrigado Senhor. Estávamos tão preocupados.

— Ok, — eu digo, mas minha voz soa estranha, até para mim mesma. — Como aranhas.

O quarto fica quieto.

— Do que ele está falando? — Alguém sussurra.

— Acho que devemos deixá-lo descansar.

Sim. Descansar.

Tão cansado.

Não posso mais me mexer. Não pode formar mais palavras. Sinto como se estivesse afundando no colchão.

As vozes se dissolvem, expandindo lentamente em uma massa de som ininterrupto que se transforma em um ataque doloroso e estridente nos meus ouvidos e então...

Se foi.

Quieto.

Escuro.

# Nove

Já faz quanto tempo?

O ar parece mais frio, mais pesado. Eu tento engolir e, desta vez, não dói. Consigo espiar duas fendas – lembrando algo sobre aranhas – e descubro que estou sozinho.

Abro os olhos um pouco mais.

Pensei em acordar em uma barraca médica ou algo assim, mas estou surpreso – e aliviado, acho – ao descobrir que estou no meu próprio quarto. Tudo está quieto. Silencioso.

Exceto por uma coisa: quando ouço atentamente, consigo distinguir o som distante e inesperado dos grilos. Acho que não ouvi um grilo em uma década.

Esquisito.

De qualquer forma, me sinto mil vezes melhor agora do que senti... foi ontem? Eu não sei.

Por mais que tenha sido, posso dizer honestamente que estou me sentindo melhor agora, mais como eu. E sei que isso é verdade, porque de repente estou morrendo de fome. Não acredito que não comi esse bolo quando tive a chance. Eu devo ter enlouquecido.

Eu me levanto, nos cotovelos.

É mais do que um pouco desorientador acordar onde você não dormiu, mas depois de alguns minutos, a sala começa a parecer familiar. A maioria das minhas cortinas estava fechada, mas a luz da lua derrama através de uma polegada de janela descoberta, lançando pratas e sombras pela sala. Eu não gastei tempo suficiente nesta barraca antes que as coisas fossem ruins para mim, então o interior ainda é vazio e genérico. Naturalmente, não ajuda que eu não tenha minhas coisas. Tudo parece frio. Estrangeiro. Todos os meus pertences são emprestados, até minha escova de dentes. Mas quando olho ao redor da sala, para o monitor morto estacionado perto da minha cama, para a bolsa de soro vazia pendurada nas proximidades e para o curativo novo colado no novo

machucado no meu antebraço, percebo que alguém deve ter decidido que eu estava bem. Que eu ia ficar bem.

Alívio toma conta de mim.

Mas o que eu faço sobre comida?

Dependendo da hora, pode ser tarde demais para comer; Duvido que a barraca de jantar esteja aberta a todas as horas da noite. Mas imediatamente, meu estômago se rebela contra o pensamento. Mas não rosna, apenas dói. O sentimento é familiar, fácil de reconhecer. As afiadas e empolgantes dores de fome são sempre as mesmas.

Eu as conheço quase toda a minha vida.

A dor volta novamente, de repente, com uma insistência que não posso ignorar, e percebo que não tenho escolha a não ser procurar algo. Qualquer coisa. Até um pedaço de pão seco.

Não me lembro da última vez que comi uma refeição adequada, agora que penso nisso.

Pode ter sido no avião, logo antes de cairmos. Eu queria jantar na primeira noite, quando chegamos ao Santuário, mas meus nervos estavam tão abalados que meu estômago basicamente encolheu e morreu. Acho que estou morrendo de fome desde então.

Eu vou consertar isso.

Eu me empurro até o fim. Eu preciso recalibrar. Ultimamente, tenho me deixado perder a perspectiva e não posso me dar ao luxo de fazer isso. Há muito o que fazer. Há muitas pessoas dependendo de mim.

James precisa que eu seja melhor que isso.

Além disso, tenho muito a agradecer. Eu sei que tenho. Às vezes eu só preciso ser lembrado. Então, respiro fundo e firmemente nesta sala escura e silenciosa e me forço a me concentrar. Lembrar.

Para dizer em voz alta: *sou grato*.

Pelas roupas nas minhas costas e pela segurança deste quarto. Pelos meus amigos, minha família improvisada e pelo que resta de minha saúde e sanidade.

Eu largo minha cabeça em minhas mãos e digo. Plante meus pés no chão e digo. E

quando finalmente consegui me levantar, respirando com dificuldade, suando, apoio minhas mãos contra a parede e sussurro: — Sou grato.

Eu vou encontrar o James. Vou encontrá-lo, Adam e todo mundo. Eu vou fazer isso direito. Eu tenho que, mesmo que eu tenha que morrer tentando.

Eu levanto minha cabeça e me afasto da parede, testando cuidadosamente meu peso no chão frio. Quando percebo que me sinto forte o suficiente para ficar em pé sozinho, respiro um suspiro de alívio. Primeiras coisas primeiro: preciso

tomar um banho.

Pego a barra da minha camisa e a puxo por cima da cabeça, mas assim que a gola pega em volta do meu rosto, cegando-me temporariamente - meu braço se conecta a algo.

Alguém.

Um suspiro curto e assustado é minha única confirmação de que há um intruso no meu quarto.

Medo e raiva correm através de mim ao mesmo tempo, as sensações tão avassaladoras que me deixam subitamente tonto.

Não há tempo para isso, no entanto.

Afasto a camisa do meu corpo e a jogo no chão enquanto giro, a adrenalina aumentando.

Pego o semi-automático escondido na minha perna da calça, amarrado ao interior da panturrilha e calço as botas mais rápido do que eu pensava ser humanamente possível. Uma vez que eu agarro firme a arma, meus braços voam para cima, afiados e retos, mais firmes do que sinto por dentro.

Está escuro o suficiente aqui. Muitos lugares para se esconder.

— Mostre-se, — eu grito. — *Agora*.

Não sei exatamente o que acontece a seguir. Não vejo bem, mas consigo sentir. Vento, curvando-se em minha direção em um único arco fluido, e minha arma está de alguma forma, impossivelmente, no chão. Através do quarto. Olho para minhas mãos abertas e vazias.

Atordoado.

Eu tenho apenas um momento para tomar uma decisão.

Pego uma cadeira próxima e bato com força contra a parede. Uma das pernas de madeira se quebra facilmente, e eu a levanto, como um morcego.

— O que você quer? — Eu digo, minha mão flexionando em torno da arma improvisada.

— Quem enviou você...

Eu sou chutado por trás.

Uma bota pesada e plana cai forte entre as omoplatas, me empurrando para a frente com força suficiente para perder o equilíbrio e a respiração. Eu caio de quatro, minha cabeça girando. Eu ainda estou muito fraco. Não é rápido o suficiente. E eu sei.

Mas quando ouço a porta se abrir, sou forçado a ficar de pé por algo mais forte que eu – algo como lealdade, responsabilidade pelas pessoas que amo e preciso proteger. Uma inclinação da luz da lua através da porta aberta revela minha arma, ainda deitada no chão, e a agarro com segundos de sobra, de alguma forma chegando à porta antes que ela tenha a chance de fechar.

E quando vejo um vislumbre de algo na escuridão, não hesito.

Eu atiro.

Sei que perdi quando ouço o som aborrecido e distante das botas se conectando com o chão. Meu agressor está fugindo e se movendo rápido demais para ter sido ferido. Ainda está escuro demais para ver muito mais do que meus próprios pés – as lanternas estão apagadas e a lua está fina – mas o silêncio é perfeito o suficiente para que eu possa discernir passos cuidadosos à distância. Quanto mais me aproximo, mais consigo rastrear seus movimentos, mas a verdade é que está ficando mais difícil ouvir algo sobre o som da minha própria respiração difícil. Não tenho ideia de como estou me movendo agora. Não há tempo para parar e pensar sobre isso. Minha mente está vazia, exceto um único pensamento: Capturar o intruso.

Estou quase com medo de considerar quem pode ser. Há uma possibilidade muito pequena de que isso tenha sido uma invasão acidental, de que talvez seja um civil que de alguma forma tenha entrado em nosso acampamento. Mas de acordo com o que Nouria e Sam disseram sobre esse lugar, esse tipo de coisa deve ser quase impossível.

Não, parece muito mais provável que, quem quer que seja, seja um dos homens de Anderson. Tem que ser. Ele provavelmente foi enviado aqui para reunir o resto das crianças supremas – talvez indo de barraca em barraca na calada da noite para ver quem está lá dentro. Tenho certeza que eles não esperavam que eu estivesse acordado.

Um pensamento repentino e aterrorizante estremece através de mim, quase me fazendo tropeçar. *E se eles já chegaram a J?*

Eu não vou deixar isso acontecer.

Não tenho idéia de como alguém, mesmo um dos homens de Anderson, foi capaz de penetrar no Santuário, mas se é onde estamos, então é uma questão de vida ou morte. Não tenho ideia do que aconteceu enquanto eu estava meio morto no meu quarto, mas as coisas devem ter aumentado na minha ausência. Eu preciso pegar esse pedaço de merda, ou toda a nossa vida pode estar em risco. E se Anderson conseguir o que quer hoje à noite, ele não terá mais motivos para manter James e Adam vivos. Se eles ainda estão vivos.

Eu tenho que fazer isso. Não importa o quão fraco eu me sinta. Não tenho escolha, não mesmo.

Eu me fortaleci, empurrando com mais força, minhas pernas e pulmões queimando com o esforço. Quem quer que seja, eles são perfeitamente treinados. É difícil admitir minhas próprias falhas, mas não posso negar que a única razão pela qual cheguei até aqui é por causa da hora – está tão assustadoramente quieto agora que até barulhos delicados parecem altos. E esse cara, quem quer que seja,

sabe correr rápido e aparentemente para sempre, sem emitir muito som. Se estivéssemos em outro lugar, em qualquer outro momento, não tenho certeza se seria capaz de rastreá-lo.

Mas tenho raiva e indignação do meu lado.

Quando entramos em um trecho denso e sufocante da floresta, decido que realmente odeio esse cara. A luz da lua não penetra aqui, o que tornará quase impossível identificá-lo, mesmo que eu chegue perto o suficiente. Mas eu sei que estou ganhando com ele quando nossas respirações parecem sincronizar, nossos passos encontrando um ritmo. Ele deve sentir isso também, porque eu o sinto passar, ganhando velocidade com uma agilidade que me deixa admirado. Estou dando tudo o que tenho, mas aparentemente esse cara estava apenas se divertindo. Indo para um passeio.

Jesus.

Não tenho escolha a não ser jogar sujo.

Não sou bom o suficiente para atirar, enquanto corro, em um alvo em movimento que não consigo ver – não sou Warner, pelo amor de Deus – então meu plano infantil de backup terá que ser suficiente.

Eu jogo a arma. Duro. Dou tudo o que tenho.

É um arremesso limpo, sólido. Tudo que eu preciso é um tropeço. Um momento único e infinitesimal de hesitação. Qualquer coisa para me dar uma vantagem.

E quando eu o ouço – uma breve e surpresa entrada de ar...

Eu me lanço para a frente com um grito e o jogo no chão.

# Dez

— Que diabos?

Eu devo estar alucinando. É melhor eu estar alucinando.

— Me desculpe, me desculpe, oh meu Deus, me desculpe…

Eu tento me levantar, mas me joguei para a frente com tudo o que tinha e quase me derrubei no processo. Eu mal tenho força suficiente para resistir. Ainda assim, consigo me virar um pouco para o lado e, quando sinto a grama úmida contra a minha pele, lembro que não estou vestindo uma camisa.

Eu xingo alto.

Esta noite não poderia ficar pior.

Mas então, no espaço de meio segundo, minha mente alcança meu corpo e a força da compreensão – da realização – é tão intensa que quase me cega. A raiva, quente e selvagem, surge através de mim, e é suficiente para me impulsionar para cima e para longe dela. Tropeço para trás no chão e bato com a cabeça no tronco de uma árvore.

— Filho da… — Eu me interrompi com um grito de raiva.

Nazeera se mexe para trás.

Ela ainda está plantada no chão, com os olhos selvagens, os cabelos soltos, libertando-se da gravata. Eu nunca a vi parecer tão aterrorizada. Eu nunca a vi parecer tão paralisada. E

algo sobre o olhar de dor em seus olhos tira a borda da minha raiva.

Apenas a borda.

— *Você está louca?* — Eu choro. — Que diabos está fazendo?

— Oh meu Deus, me desculpe, — diz ela, e deixa o rosto cair nas mãos.

— Você sente muito? — Eu ainda estou gritando. — Você *sente muito*? Eu poderia ter matado você.

E mesmo assim, mesmo nesse momento horrível e inacreditável, ela tem a audácia de me olhar nos olhos e dizer: — Eu duvido disso.

Juro por Deus, meus olhos se arregalam de raiva e acho que eles abriram meu rosto. Não tenho ideia do que devo fazer com essa mulher.

Nenhuma pista de merda.

— Eu – eu nem.. .— Eu me atrapalho, lutando pelas palavras certas. — Há tantas razões pelas quais você deveria ser enviado com um bilhete só de ida para a lua agora, nem sei por onde começar. — Passo as mãos pelos cabelos, agarrando punhados. — O que você estava *pensando*? Por que... por que... — E então, de repente, algo me ocorre. Um sentimento frio e doentio se acumula no meu peito e largo as mãos. Olha para ela.

— Nazeera, — eu digo baixinho. — Por que você estava no meu quarto?

Ela puxa os joelhos contra o peito. Fecha os olhos. E somente quando não consigo mais ver seu rosto – quando ela pressiona a testa nos joelhos – ela diz: — Sinceramente, acho que esse pode ser o momento mais embaraçoso de toda a minha vida.

Meus músculos ficam frouxos. Eu a encaro, atordoado, confuso, mais irritado do que em anos. — Eu não entendo.

Ela balança a cabeça. Apenas continua balançando a cabeça. — Você não deveria acordar, — diz ela. — Eu pensei que você dormiria a noite toda. Eu só queria checar você – eu queria ter certeza de que você estava bem, porque tudo foi minha culpa e eu senti – me senti tão *mal*...

Eu abro minha boca. Nenhuma palavra sai.

... mas você acordou e eu não sabia o que fazer, — diz ela, finalmente levantando a cabeça. — Eu não... eu não...

— Besteira, — eu digo, cortando-a. — *Besteira*, você não sabia o que fazer. Se você realmente estivesse no meu quarto por estar preocupada com o meu bem-estar, poderia ter dito oi para mim, como uma pessoa normal. Você diria algo como: 'Olá, Kenji, sou eu, Nazeera! Só estou aqui para ter certeza de que você não está morto! e eu dizia 'Puxa, obrigada, Nazeera, isso é muito gentil da sua parte!' e você...

— Não é tão simples, — diz ela, balançando a cabeça novamente. — É só que... Não era tão simples assim...

— Não, — eu digo com raiva. — Você está certa. Não é tão simples assim.

Eu me levanto, espano minhas mãos. — Você quer saber por quê? Você quer saber por que não é tão simples assim? Porque sua história não se resume. Você diz que entrou no meu quarto para me checar – porque afirma estar preocupada com a minha saúde – mas então, a primeira chance que você tem, chuta um homem doente pelas costas, bate no chão e faz com que ele te perseguir pela floresta *sem camisa*.

— Não, — eu digo, raiva crescendo dentro de mim novamente. — De jeito nenhum. Você não dá a mínima para minha saúde. Você, — aponto para ela — está tramando algo.

Primeiro as drogas no avião, e agora isso. Você está tentando me *matar*, Nazeera, e eu não entendo o porquê.

— O que aconteceu? Você não terminou o trabalho pela primeira vez? Você voltou para ter certeza de que eu estava morto? Foi isso?

Lentamente, ela se levanta, mas não consegue encontrar meus olhos.

O silêncio dela está me deixando louco.

— Eu quero respostas, — eu choro, tremendo de fúria. — Agora mesmo. Eu quero saber o que diabos você está fazendo. Eu quero saber por que você está aqui. Quero saber para quem você está trabalhando. — E então, praticamente gritando as palavras: — *E quero saber por que você estava no meu maldito quarto hoje à noite.*

— Kenji, — diz ela calmamente. — Eu sinto muito. Eu não sou boa nisso. É tudo o que posso lhe dizer. Eu sinto muito.

Estou tão chocado com a irritação dela que na verdade me encolho em resposta.

— Verdadeiramente, me desculpe, — diz ela novamente. Ela está se afastando de mim.

Lentamente, mas ainda assim – eu vi essa garota correr. — Deixe-me morrer de humilhação em outro lugar, ok? Eu sinto muito.

— *Pare.*

Ela fica subitamente imóvel.

Eu tento firmar minha respiração. Não posso. Meu peito ainda está doendo quando digo: — Apenas me diga a verdade.

— *Eu te disse a verdade,* — diz ela, a raiva queimando em seus olhos. — Eu não sou boa nisso, Kenji. Eu não sou boa nisso.

— Do que você está falando? Claro que você é boa nisso. Assassinar pessoas é como o trabalho da sua vida.

Ela ri, mas parece um pouco histérica. — Você se lembra, — diz ela, — quando eu lhe disse que isso nunca poderia funcionar? — Ela faz aquele movimento familiar, esse gesto entre nossos corpos. — Você se lembra daquele dia?

Algo inconsciente, algo primordial que não consigo controlar, envia uma agulha aguda de calor pelo meu corpo. Mesmo agora.

— Sim, — eu digo. — Eu lembro.

— Isso, — diz ela, agitando os braços. — Era disso que eu estava falando.

Eu franzo a testa. Sinto como se tivesse perdido a noção da conversa. — Eu não… — Eu franzo a testa novamente. — Do que você está falando?

— *Isso,* — diz ela, a fúria afiando em sua voz. — Isso. *Isso*. Você não entende. Não sei como – simplesmente não faço isso, ok? Nunca. Tentei lhe

dizer naquele dia que não... mas agora... — ela se interrompe com um forte aceno de cabeça. Recomeça. — Por favor, não me faça dizer isso.

— Dizer o quê?

— Que você é… — Ela para. — Que isso...

Eu espero, e ainda assim, ela não diz nada.

— Eu *o quê?* Isso *o quê?*

Finalmente, ela suspira. Encontra meus olhos. — Você foi meu primeiro beijo.

# Onze

Eu poderia ter passado anos tentando descobrir o que ela estava prestes a me dizer, e eu nunca teria acertado.

Nunca.

Estou além de atordoado. Além de pasmo.

E tudo o que posso pensar é: — Você está mentindo.

Ela balança a cabeça.

— Mas...

Ela continua balançando a cabeça.

— Eu não entendo.

— Eu gosto de você, — diz ela calmamente. — Muito.

Algo brilha através de mim – algo aterrorizante. Uma onda de sentimentos. Uma lambida de fogo. *Alegria*. E então negação, negação, rápido e forte.

— Besteira.

— Não é besteira, — ela sussurra.

— Mas você está tentando me matar.

— Não. — Ela abaixa a cabeça. — Eu tenho tentado mostrar que me importo.

Eu só posso olhar para ela, confuso.

— Eu dei a você uma dose um pouco mais forte dessa droga, porque eu estava tão preocupada que você acordaria no avião e seria assassinado, — ela diz. — Eu estava no seu quarto hoje à noite porque queria ter certeza de que você estava bem, mas quando você acordou, fiquei nervosa e desapareci. E então você começou a conversar, e as coisas que disse foram tão bonitas que eu apenas, — ela balança a cabeça — não sei. A verdade é que não tenho desculpa. Eu fiquei porque queria ficar. Fiquei e olhando você como uma louca, e quando você me pegou, fiquei tão mortificada que quase o matei por isso.

Ela cobre o rosto com as mãos.

— Eu não tenho ideia do que estou fazendo, — diz ela, suas palavras tão pequenas e silenciosas que tenho que me aproximar para ouvi-las. — Fui

preparada para literalmente todas as outras situações de alto estresse que a vida pode me dar, mas não tenho ideia de como retribuir adequadamente emoções positivas. Nunca me foi mostrado como. Nunca ensinaram-me como fazê-lo. E, como resultado, evitei isso completamente.

Finalmente, ela encontra meus olhos.

— Sempre evitei fazer coisas que sei que serei ruim, — diz ela. — E com isso...

Relacionamentos? Intimidade física? Eu só... não. Nunca. Com qualquer um. Está muito bagunçado. Muito confuso. Há muito código, muito lixo para filtrar e decifrar. Além disso, a maioria das pessoas que conheço são idiotas, covardes ou ambos. Eles raramente são genuínos. Eles nunca dizem o que realmente estão pensando. E todos eles mentem na minha cara. Ela suspira. — Exceto você, é claro.

— Nazeera...

— Por favor, — ela diz suavemente. — Isso é tão humilhante. E se estiver tudo bem com você, eu realmente não quero arrastar essa conversa mais do que absolutamente preciso.

Mas juro – depois de hoje – que não voltarei perto de você. Eu vou manter distância. Eu prometo. Sinto muito por te machucar. Eu nunca quis te chutar tão forte.

E ela sai.

Ela se vira e se afasta, e eu sou pego por algo, algo que parece muito com pânico quando digo: — Espere!

Ela congela.

Corro atrás dela, agarro-a pela cintura e giro-a, e ela parece surpresa, depois incerta, e digo: — Por que eu?

Ela fica quieta. — O que você quer dizer?

— Quero dizer... naquele dia, quando você me beijou. Você me escolheu naquele dia, não foi? Para o seu primeiro beijo.

Depois de um momento, ela assente.

— Por quê? — Eu digo. — Por que você me escolheu?

De repente, seus olhos ficam macios. A tensão em seus ombros desaparece. — Porque, — ela diz calmamente, — eu acho que você pode ser a melhor pessoa que eu já conheci.

— Oh.

Respiro fundo e de forma desigual, mas não estou obtendo oxigênio suficiente. O

sentimento está inundando através de mim, tão rápido e quente que nem me lembro que estou congelando.

Eu acho que estou sonhando.

Deus, espero não estar sonhando.

— Kenji?

*Diga alguma coisa, idiota.*

Não.

Ela suspira, o som preenchendo o silêncio. E então ela olha para o chão, entre nós. — Sinto muito, realmente chutei você assim. Você está bem?

Eu dou de ombros e depois estremeço. — Provavelmente não vou conseguir andar de manhã.

Ela olha para cima. Há algo como riso em seus olhos.

— Não é engraçado, — eu digo, mas também estou começando a sorrir. — Isso foi horrível. E... Jesus, — digo, sentindo-me repentinamente doente. Eu tentei atirar em você por isso.

Ela ri.

*Ri,* como se eu tivesse acabado de fazer uma piada.

— Estou falando sério, Nazeera. Eu poderia ter matado você.

O sorriso dela desaparece quando ela percebe que estou falando sério. E então ela olha para mim, realmente olha para mim. — Isso não é possível.

Reviro os olhos, mas não posso deixar de sorrir para sua certeza.

— Você sabe, — ela diz suavemente, — acho que havia uma parte de mim que estava realmente esperando que você me pegasse.

— Sim?

— Sim, — ela sussurra. — Caso contrário, por que não voei, simplesmente?

Eu levo um segundo para deixar isso entrar.

E depois...

*Droga.*

Ela está certa. Eu nunca tive chance contra essa garota.

— Ei, — eu digo.

— Sim?

— Você é completamente louca, sabia disso?

— Sim, — diz ela, e suspira.

E de alguma forma, impossivelmente...

Eu estou sorrindo Cuidadosamente, estendo a mão, roçando sua bochecha com as pontas dos meus dedos. Ela treme sob o meu toque. Fecha os olhos.

Meu coração para.

— Nazeera, eu…

Um grito selvagem, penetrante e arrepiante de sangue interrompe o momento.

# Doze

Nazeera e eu compartilhamos um olhar de fração de segundo antes de voltarmos a correr. Eu a sigo pela floresta, em direção à fonte do grito, mas quase tão rapidamente quanto veio – o mundo fica quieto. Nós corremos para uma parada repentina e confusa, quase caindo no processo. Nazeera se vira para mim, com os olhos arregalados, mas não está me vendo, na verdade.

Ela está esperando. Ouvindo.

De repente, ela se endireita. Não sei o que ela ouviu, porque não ouvi nada. Mas eu já percebi que essa garota está fora do meu alcance; Não tenho ideia de quais outras habilidades ela possui. Não faço ideia do que mais ela é capaz. Mas sei que não faz sentido duvidar de sua mente. Não quando se trata de merda assim.

Então, quando ela começa a correr de novo, eu estou atrás dela.

Percebo que estamos voltando para o início, para a entrada do acampamento de Nouria, quando mais três gritos perfuram a noite. Então de repente...

Pelo menos cem mais.

E então eu percebo para onde Nazeera está indo. Fora. Fora do Santuário, em terra desprotegida, onde poderíamos ser facilmente encontrados, capturados e mortos. Hesito, velhas dúvidas me perguntam se sou louco por confiar nela.

— Discrição, Kenji – *agora*...

E ela desaparece. Respiro fundo e sigo o exemplo.

Não demora muito para eu entender.

Fora da proteção do Santuário, os gritos se intensificam, subindo e se multiplicando na escuridão. Só que não está escuro, não está aqui. Não exatamente. O céu está dividido, escuridão e luz derretendo juntas, nuvens caindo de lado, árvores se curvando, tremulando, curvando-se e tremeluzindo. A terra abaixo de nós começou a enrugar-se e rachar, se formando no ar no meio do ar, perfurando nada e tudo. E depois...

O horizonte se move.

De repente, o sol está embaixo de nós, queimando, cegando e quebrando a

luz como um raio que desliza pela grama.

Com a mesma rapidez, o horizonte volta ao seu lugar.

A cena é além do surreal.

Eu não consigo processar. Não consigo digerir. As pessoas estão tentando correr, mas não conseguem. Eles são superados demais. Muito confuso. Eles fazem isso apenas alguns metros antes que algo mude novamente, antes que eles gritem novamente, antes que todos sejam mergulhados na escuridão, na luz, na escuridão, na luz.

Nazeera se materializa ao meu lado. Afastamos nossa invisibilidade. Parece óbvio agora que não há mais sentido em furtividade. Aqui não. Não nisso.

E quando Nazeera se vira abruptamente e começa a correr, eu já sei que ela está voltando para o acampamento.

Temos que contar aos outros.

Exceto, como descobrimos, eles já sabem.

Eu a vejo antes de voltarmos. Mesmo em frente à entrada, iluminada pelo caos: *Juliette.*

Ela está de joelhos, com as mãos apertadas nas têmporas. O rosto dela é uma imagem de pura agonia, e Warner está agachado ao lado dela, pálido e aterrorizado, as mãos nos ombros dela, gritando algo que não consigo ouvir.

E depois...

Ela grita.

*Não de novo*, eu penso. Por favor, Deus, não de novo.

Mas desta vez é diferente. Desta vez, o grito é direcionado para dentro; é uma expressão de dor, de horror, de farsa.

E desta vez, quando ela grita, ela diz uma frase única e inconfundível: — *Emmaline*, — ela grita. — Por favor, não faça isso...

# About the Author



*Photo by Tana Gandhi*

**TAHEREH MAFI** é uma autora best-seller do *New York Times* e *USA Today* de

*A Very Large Expanse of Sea*, da série Estilhaça-Me, *Furthermore*, e *Whichwood*. Ela geralmente pode ser encontrada com excesso de cafeína e presa em um livro.

Você pode achar ela online com @TaherehMafi em qualquer lugar ou em www.taherehbooks.com.

Descubra grandes autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com.

# Livros por Tahereh Mafi

*Shatter Me*
*Unravel Me*
*Ignite Me*

*Destroy Me*
*Fracture Me*

*Shatter Me Complete Collection*

*Restore Me*
*Defy Me*
*Imagine Me*

*Shadow Me*

*A Very Large Expanse of Sea*

*Furthermore*
*Whichwood*

# Back Ad




**DISCOVER**
your next favorite read

**MEET**
new authors to love

**WIN**
free books

**SHARE**
infographics, playlists, quizzes, and more

**WATCH**
the latest videos

**www.epicreads.com**

# Copyright

REVEAL ME. Copyright © 2019 by Tahereh Mafi. All rights reserved under International and Pan-American Copyright Conventions. By payment of the required fees, you have been granted the nonexclusive, nontransferable right to access and read the text of this e-book on-screen. No part of this text may be reproduced, transmitted, downloaded, decompiled, reverse-engineered, or stored in or introduced into any information storage and retrieval system, in any form or by any means, whether electronic or mechanical, now known or hereafter invented, without the express written permission of HarperCollins e-books.

EPub Edition © 2019

Digital Edition OCTOBER 2019 ISBN: 978-0-06-290627-4

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

FIRST EDITION

# About the Publisher

**Australia**
HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.
Level 13, 201 Elizabeth Street
Sydney, NSW 2000, Australia
www.harpercollins.com.au

**Canada**
HarperCollins Publishers Ltd
Bay Adelaide Centre, East Tower
22 Adelaide Street West, 41st Floor
Toronto, Ontario, M5H 4E3
www.harpercollins.ca

**India**
HarperCollins India
A 75, Sector 57
Noida
Uttar Pradesh 201 301
www.harpercollins.co.in

**New Zealand**
HarperCollins Publishers New Zealand
Unit D1, 63 Apollo Drive
Rosedale 0632
Auckland, New Zealand
www.harpercollins.co.nz

**United Kingdom**
HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street

London SE1 9GF, UK
www.harpercollins.co.uk

**United States**
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
New York, NY 10007
www.harpercollins.com